



**KARLA MITTARAGIS RANGEL**

**O comunismo como único meio de internacionalizar a paz: As discussões do  
literato Henri Barbusse.**

Monografia apresentada ao Departamento de História da PUC-Rio  
como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Bacharelado  
em História

Orientador: Prof. Dr. Maurício Barreto Alvarez Parada

Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro,  
Junho de 2019

## **Agradecimentos**

Agradeço o carinho e dedicação para que eu conseguisse, enfim, me formar, à Anair do Departamento de História e ao professor e orientador Maurício Parada.

À Pontifícia Universidade Católica, em especial ao vice-reitor comunitário Professor Augusto por me dar a oportunidade de concluir a minha graduação com a bolsa filantrópica.

À minha querida amiga Nayara Fernandes por toda a amizade, companheirismo e incentivo.

Aos meus pais e meu namorado Daniel pelo carinho, por não me deixarem desistir e por confiarem em mim.

## Resumo

O trabalho sobre Henri Barbusse consiste em analisar a sua vida política e intelectual a partir da sua participação na Primeira Guerra Mundial até a década de 1930. A guerra foi o evento divisor de águas de suas crenças levando-o à publicação de seu livro “Le feu”. O escritor que antes possuía convicções pacifistas, após a guerra desenvolveu aversão ao nacionalismo e imperialismo, justificando a violência como um meio temporário para alcançar a paz. Além de ter-se tornado um literato de grande prestígio, Barbusse trabalhou em diversos periódicos ligados ao socialismo e vertentes da esquerda francesa. Sua trajetória como escritor e jornalista fez Barbusse tornar-se um ativista político comunista na França pelo Partido Comunista Francês, e posteriormente, propagandista do stalinismo na URSS, dedicando-se inclusive a escrever a biografia de Stalin. Apesar das controvérsias ainda existentes em torno de Barbusse, sua figura continua sendo importante, tanto para a literatura realista de guerra quanto para a história do comunismo.

Palavras-chave: Henri Barbusse. O Fogo. Stalin. Comunismo. Primeira Guerra Mundial

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>06</b>
<b>2 CAPÍTULO I – A BIOGRAFIA DE HENRI BARBUSSE.....</b>	<b>08</b>
2.1 A VIDA INTELECTUAL DE HENRI BARBUSSE.....	13
2.2 A FORMAÇÃO DO PCF E A DISCUSSÃO COM ROMAIN ROLLAND.....	17
<b>3 CAPÍTULO III – ANÁLISE DA OBRA “O FOGO” .....</b>	<b>27</b>
<b>4 CAPÍTULO IV – BARBUSSE E A BIOGRAFIA DE STALIN.....</b>	<b>38</b>
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>50</b>
<b>6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>52</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Esta monografia é o meu projeto inicial desenvolvido no Programa de Educação Tutorial (PET), sob a orientação do Professor Maurício Parada, que ao perceber o meu interesse sobre a Primeira Guerra Mundial e a União Soviética, apresentou-me Henri Barbusse. Interessei-me por este escritor devido a sua representação nos dois eventos históricos do começo do século XX, e que, apesar de haver uma grande amplitude de sua importância no campo acadêmico francês e americano, carece de mais informações dentro do Brasil.

Este trabalho, portanto, aborda a trajetória política do escritor francês Henri Barbusse entre os anos de 1914 e 1935, após sua participação na Primeira Guerra Mundial e a publicação de seu livro “O Fogo” no qual retrata a realidade da vida dos homens nas trincheiras. Após ganhar popularidade na França devido o reconhecimento conquistado pela obra, Barbusse começa a tornar-se ativo politicamente, sobretudo, ao lado de pautas ideológicas da esquerda. Além de trabalhar em projetos jornalísticos como periódicos, e escrever em meios de alta circulação seus romances e ensaios políticos com bastante influência no mundo intelectual, Barbusse desenvolve suas percepções políticas voltadas para o comunismo, tornando-se um pensador revolucionário em busca da paz mundial.

Nesta pesquisa, analisarei como Barbusse construiu seu pensamento revolucionário e tornou-se um propagandista do stalinismo, desenvolvendo uma concepção de que o único meio viável para resgatar a paz no ocidente após a guerra seria por intermédio do comunismo. O objetivo desta monografia é o aprofundamento sobre a vida política deste importante escritor de literatura de guerra, para que possamos compreender o desenvolvimento e a evolução de suas perspectivas políticas e ideológicas, desde a publicação da obra “O Fogo” até a sua estreita relação com a União Soviética e Stalin.

Este estudo será dividido em três capítulos, para que possamos conhecer e entender de maneira gradual a história de vida de Henri Barbusse. No primeiro deles, a monografia aborda a biografia de Barbusse, destacando fatos tanto de sua vida política, como também da intelectual, mapeada pelos seus projetos mais relevantes. Ainda neste mesmo capítulo, destaca-se a evolução de sua perspectiva política, como a sua filiação ao Partido Comunista Francês e a discussão em torno do pacifismo do

escritor internacionalista Romain Rolland. Como literatura de base, utilizarei as obras de Andrew Sobanet, “*Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*“, David Fisher “*Romain Rolland and the Politics of the Intellectual Engagement*“, Michel Goulart da Silva “Socialismo e revolução nas páginas do Clarté“, e Guessler Normand “*Henri Barbusse and his Monde (1928-35): progeny of the Clarté Movement and the Review Clarté*“, para que possamos analisar sua trajetória enquanto jornalista e escritor, além da importância de seu pensamento como apoiador da ideologia comunista.

O segundo capítulo é inteiramente dedicado à sua obra mais importante, o premiado “O Fogo”, publicado em 1916. Nesta parte da monografia, é feita uma análise do livro e das anotações sobre a sua experiência com os homens de seu pelotão, nas trincheiras ao norte da França. Foi este o momento em que seu pensamento revolucionário começou a tomar forma. O livro que servirá de base, será “O Fogo” de Henri Barbusse. Estudar com mais precisão este relato vivenciado pelo escritor é mais uma ferramenta para a compreensão de seus ideais no pós-guerra.

Por fim, no terceiro capítulo, o trabalho analisa as circunstâncias que fizeram Barbusse aproximar-se e estabelecer uma relação de lealdade ao então líder da União Soviética, Joseph Stalin, e como o escritor converteu-se em uma figura importante para a propaganda soviética no projeto de cultivar a imagem do revolucionário. Para isto, utiliza-se como fonte principal as pesquisas do acadêmico Andrew Sobanet em “*Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*“, envolvendo a ligação entre literatura e política, especialmente na França. Este capítulo tem como objetivo explicitar quais os motivos que fizeram Barbusse distorcer a verdade, omitir fatos e até mesmo fraudar histórias para que a figura de Stalin se transformasse em messiânica e indispensável para o mundo ocidental.

Portanto, este trabalho monográfico é um esforço inicial dedicado a estudar de forma sintomática as convicções políticas desenvolvidas e defendidas por Barbusse até a década de 1930, até trabalhar diretamente como propagandista do stalinismo.

## 2. A BIOGRAFIA DE HENRI BARBUSSE

Henri Barbusse nasceu em 17 de maio de 1873, na comuna de Asnières-sur-Seine (antiga Asnières), no norte da França, e é filho de pai francês e mãe inglesa. Em 1889, com dezesseis anos, mudou-se para Paris. Durante sua vida, foi um escritor, ensaísta político e jornalista. Em 1908, escreveu a obra “Inferno”<sup>1</sup>, na qual o tema, embora digno de releição, com abordagem sobre as questões humanas, foge do perfil político-social frequentemente trabalhado por ele no pós-guerra. O livro conta a história de um homem hospedado em um quarto de hotel, cuja parede do cômodo contém um furo que dá para ver o quarto ao lado. Este homem passa a gastar a maior parte do seu tempo espiando os outros hóspedes, que não têm uma vida comum. Desta forma, a vida do personagem começa a depender desses acontecimentos para que se torne interessante. Pensar na condição humana enquanto nós somos os espectadores dos nossos submundos é o exercício que o livro nos traz.

A narrativa se desenvolve a partir de diversas histórias, sem que haja qualquer laço entre elas. Barbusse explora a sensualidade, a miséria e complexidade humana. O espaço do quarto é banal, onde o enredo é a coisa mais significativa ali existente. É a partir dessas histórias assistidas pelo homem, que aparece a reflexão sobre a existência humana, tão cheia de desejos, dilemas e problemas. A paixão pelas vidas descritas no livro é o reflexo de sede pelo conhecimento do autor. Isto é evidente pela forma como Barbusse explora a vida dos personagens intrinsecamente, de maneira que a busca pela compreensão do indivíduo e da condição humana seja importante para o entendimento do mundo, o que faz sentido ao pensarmos no contexto histórico no qual a obra foi produzida.

O início do século XX foi a tomada de uma nova era. A tecnologia industrial estava se desenvolvendo, a Primeira Guerra Mundial emergindo, o crescimento imperialista das nações, inovações tecnológicas sendo criadas, além da construção de uma consciência de proletários e intelectuais a fim de construir um mundo melhor. Em contrapartida, há a coexistência do homem controverso ao progresso, que destrói, corrompe, gera desigualdade e mal-estar. Essas duas facetas precisam conviver, e ao passo que são desmistificadas, a desilusão sobre a essência humana cresce cada vez mais. Barbusse usa os personagens do “Inferno” para descobrir o desenvolvimento humano e suas questões. Entretanto, sua obra mais chamativa e que tornou-se best-seller, foi o livro “O Fogo”, de 1916, que trata sobre a vida dos homens do pelotão do Regimento da Infantaria, na Primeira Guerra Mundial, da qual participou.

---

<sup>1</sup> BARBUSSE, Henri. Inferno. Editora Globo, 1988.

Barbusse serviu à guerra por dezessete meses, até o final de 1915, e após foi transferido em definitivo para um posto clerical, no qual permaneceu até 1916, devido à doença pulmonar, fadiga e disenteria.

Andrew Sobanet conta em seu livro *“Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality”*<sup>2</sup> sobre a carta publicada por Barbusse no jornal *L’Humanite*, em agosto de 1914, onde escreveu sobre a sua decisão de alistar-se ao exército francês, mesmo tendo ganhado isenção oficial da linha de frente. Mesmo que não fosse aliado ao partido socialista francês (SFIO), Barbusse apresentou seus motivos que alinhavam-se aos ideais socialistas, sendo nomeados como os “mesmos inimigos de sempre”, tais como o imperialismo e militarismo. Denominada como “guerra social”, a batalha serviria à causa antimilitarista socialista, como quis assim chamar. A guerra seria a forma violenta de libertar a humanidade da opressão. Para ele, a experiência de uma guerra nacionalista prestaria para alcançar ideais internacionalistas socialistas. Barbusse escreveu seu pensamento: “Se sacrifico a minha vida e vou à guerra com alegria, não é apenas como francês, mas acima de tudo como homem”.<sup>3</sup>

A experiência de guerra vivida por Barbusse foi o fator determinante para a sua atuação na política. Como vimos anteriormente, em 1916, assim que saiu da guerra, Barbusse publicou o livro “O Fogo”<sup>4</sup>. A obra, além de expor especialmente no último capítulo seus conceitos e visões que fariam parte de sua escrita para o resto da vida e que atuou na corrente dos escritores de guerra, foi essencial para que o autor recebesse reconhecimento literário, como o prêmio francês *Goncourt*, de 1916, e se tornasse referência na literatura francesa. Segundo Sobanet<sup>5</sup> “O Fogo” tornou-se um marco para a geração da Primeira Guerra Mundial. Os princípios centrais da obra foram incluídos durante anos após sua publicação pela imprensa socialista francesa e, posteriormente, pela imprensa comunista francesa. Além disso, o livro foi um dos mais discutidos e importantes do começo do século XX. Barbusse,

---

<sup>2</sup> SOBANET, Andrew. *Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018. Pag 42.

<sup>3</sup> "If I sacrifice my life and if I go to war with joy, it is not only as a Frenchman, but it is above all as a man." SOBANET, Andrew. *Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018. Pag 43.

<sup>4</sup> BARBUSSE, Henri. *O Fogo: diário de um pelotão*. Tradução Lívia Bueloni Gonçalves. São Paulo: Madalena, 2015. 404 p. (Coleção Linha do Tempo). Tradução de: Le Feu.

<sup>5</sup> SOBANET, Andrew. *Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018, pag 43.

portanto, foi uma das figuras literárias mais relevantes de seu tempo, sendo inclusive reconhecido como herdeiro de seu ídolo, Emile Zola<sup>6</sup>.

Durante um curto período após a publicação da obra, Barbusse fez declarações à república francesa mais moderadas do que as opiniões expressadas no livro “O Fogo”. Sobanet<sup>7</sup> diz que a transformação de suas opiniões entre 1917 e 1919 deve-se ao seu respeito pelo Ocidente, que incluía instituições, valores e líderes. Sobanet<sup>8</sup> dá o exemplo de um texto publicado em 1917, dedicado aos veteranos da guerra, no qual demonstra a esperança da emersão dos valores republicanos franceses, como democracia, igualdade e liberdade, além de uma sociedade cooperativa pelo interesse e bem-estar de todos. Uma das características de Barbusse observada por Sobanet neste trecho é a tendência do escritor de ver a política através de quem considerava “grandes homens”. Foi o caso, ao elogiar o então presidente americano Woodrow Wilson, quando distinguiu o jingoísmo, isto é, o nacionalismo reacionário, que criticou em “O Fogo”, de uma forma superior de patriotismo, que cercava-se das tradições democráticas liberais, elogiando a visão internacionalista de Wilson, como forma de continuar o trabalho da “Grande França de 1789”.

Sobanet<sup>9</sup> conta sobre um artigo de Barbusse escrito em 1917, onde elogiava os objetivos declarados pelos Estados Unidos para a guerra, como o estabelecimento de um comércio internacional livre e aberto, autonomia das colônias e a criação de uma “liga defensiva para o povo”. Uma observação interessante que Sobanet<sup>10</sup> nos mostra, é que Barbusse expressava admiração repetidamente pela Liga das Nações, e disse que se a visão de mundo de Wilson fosse, de fato, reconhecida, o mundo seria fundamentalmente mais justo, pacífico e democrático. No mesmo período, Barbusse elogiava a Revolução Francesa chamando-a de “a esplêndida e indelével glória de nosso país”, e tinha uma visão nefasta da Revolução Soviética. Sobanet<sup>11</sup> conta que após algumas semanas após os bolcheviques tomarem o poder, Barbusse comentou sobre o ato ser uma “divisão assassina”. Sabemos que este pensamento mudou drasticamente, mas é impressionante pensar como Barbusse ainda estava moldando suas convicções diante do contexto no qual estava inserido.

Em 1919, Barbusse declarou sua raiva à condição duradoura do imperialismo no Ocidente. Além disso, foi neste mesmo período que levantou as primeiras sugestões no pós-

---

<sup>6</sup> Renomado escritor francês considerado criador e representante da escola literária naturalista além de ser um importante libertário da França.

<sup>7</sup> SOBANET, Andrew. *Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018, pag 45

<sup>8</sup> IBID Pag. 45

<sup>9</sup> IBID Pag. 45

<sup>10</sup> IBID Pag. 45

<sup>11</sup> IBID Pag.45

guerra de que a transformação da sociedade pode envolver e justificar o uso da violência. Contudo, esta nova forma de violência seria diferente da violência utilizada na “guerra social”, conceito usado por Barbusse para descrever a paisagem internacional quando se voluntariou ao exército em 1914. Na verdade, este tipo de violência seria naturalmente revolucionária. Sobanet<sup>12</sup> expõe um trecho que mostra claramente a transformação do pensamento de Barbusse, quando escreveu um texto em setembro de 1919 e virou artigo na primeira página de L’Humanité, em 12 de outubro de 1919, intitulada “*Nous ACCUSONS!*” (Nós acusamos), que dizia: “A moralidade desonesta dos nacionalistas e reacionários devem ser destruídos... O que está acima deve descer, aquilo que é pressionado deve ser levantado. (...) A sociedade humana deve derrubar-se completamente e então o mundo finalmente estará do lado direito”<sup>13</sup>. Sobanet<sup>14</sup> explica que este sentimento de que precisava haver uma transformação no mundo foi o indicador da mudança permanente da crença de Barbusse na democracia ocidental e na propriedade da república francesa para concluir seus ideais. Este foi o texto divisor de águas, e foi quando Barbusse declarou que não era simplesmente contra o Ocidente, mas sim defensor “da lei natural da República dos Sovietes Na Rússia”, descrevendo a nação claramente ligada à liberdade, justiça e verdade. Sobanet mostra que para Barbusse, a Revolução Russa tornou-se a única saída para evitar, de vez, o mundo da guerra e da exploração.

Em relação à sua declaração de dois anos atrás sobre “divisão assassina” dos bolcheviques, mencionou que estas medidas são temporárias e consequências compreensíveis de todas as revoluções que deram certo. Sobanet<sup>15</sup> diz que suas ideias revolucionárias se solidificaram nos próximos anos, ao passo que sua propensão em dividir o mundo em duas partes extremas aumentava, por exemplo: exploradores versus explorados, reacionários versus revolucionários, estimuladores da guerra versus defensores da paz, nacionalismo versus internacionalismo. Sobanet revela dois manifestos do escritor neste período, “A luz do abismo”, de 1920, e “Uma faca entre meus dentes”, de 1921<sup>16</sup>. O autor fala sobre a

---

<sup>12</sup> SOBANET, Andrew. *Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018, pag 46.

<sup>13</sup> "The dishonest morality of nationalists and reactionaries must be destroyed... that which is up must come down, that which is held down must be raised up. (...) Human society must overturn itself completely, and then the world will finally be right-side up." SOBANET, Andrew. *Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018. Pag. 46.

<sup>14</sup> IBID Pag. 46

<sup>15</sup> IBID Pag. 47

<sup>16</sup> BARBUSSE, Henri. *Lueur dans Vabime*, 1920 e BARBUSSE, Henri. *Le Couteau entre le dents*, 1921. (Os dois manifestos encontram-se na obra SOBANET, Andrew. *Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018, pag. 47)

importância destes textos para compreendermos as posições políticas que moldam sua escrita posterior.

Os dois textos mostram seu compromisso acalorado em apoiar a Revolução Russa, sustentados por um discurso político cada vez mais intransigente e dominador. Sobanet<sup>17</sup> mostra que os temas que Barbusse trouxe à tona foram os que ele abordava frequentemente no pós-guerra, sendo eles: a representatividade da Primeira Guerra Mundial como o marco do fim de uma sociedade decadente, uma pequena parte da população controla e manipula as massas populares visando o lucro, governos e jornais de grande circulação não são fontes confiáveis, reformistas em favor da transformação social, mas contra a revolução total são reacionários, e o nacionalismo é mantido para dificultar a aparição de uma ordem internacionalista justa.

Além dos temas já conhecidos, Barbusse<sup>18</sup> faz críticas ao Ocidente e diz que a sociedade e política europeias estão em uma clara discordância com os objetivos da Revolução Russa. Para isso, critica a destruição econômica e desigualdade na França, o Tratado de Versalhes que garantiria uma guerra futura e o vislumbre de uma Alemanha renascida e vingativa. Sua crítica rebate nos resultados da França em 1789, como inapropriados, além de condenar Wilson e sua visão internacionalista, que, neste momento, Barbusse considerou fraco e corrupto, quando referiu-se à Liga das Nações como o “monopólio dos nacionalistas”. Mais ainda, Barbusse descreveu as bandeiras das nações como “rótulos vistosos”, que nada faziam a não ser levar para guerra. Porém, existia uma exceção: “Há apenas uma bandeira vermelha, assim como há apenas um tipo de sangue humano, uma justiça e uma verdade”.<sup>19</sup>

Sobanet<sup>20</sup> esclarece que a excepcionalidade soviética carregou um papel importante em torno da União Soviética, que mostrou-se de diversas formas, tanto no início da década de 1920 como posteriormente. Sobanet<sup>21</sup> diz que Barbusse assegurou até o final de sua vida que a Revolução Russa desempenhou um passo importante e fundamental na história da libertação da humanidade. Mais do que isso, a União Soviética existiu e prosperou em um mundo hostil, apesar dos contratemplos, e esta era uma ideia compartilhada pelos intelectuais ocidentais em apoio à experiência soviética. Esse excepcionalismo, não só para Barbusse, mas

---

<sup>17</sup> SOBANET, Andrew. *Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018, pag. 47.

<sup>18</sup> IBID Pag. 48

<sup>19</sup> "There is but one red flag, just as there is only one type of human blood, one justice, and one truth."  
SOBANET, Andrew. *Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018, pag. 48.

<sup>20</sup> IBID Pag. 48

<sup>21</sup> IBID Pag 48

também para seus colegas e outros que seguiram seus passos, era considerado como liderança sobre-humana. Barbusse, portanto, passava a sua fidelidade a Lênin, a primeira figura soviética que defendeu e elogiou.

O texto “A Faca entre os Dentes” é explicado por Sobanet<sup>22</sup> como a mostra de mais um passo de Barbusse a caminho da radicalização revolucionária. Sobanet<sup>23</sup> diz que o título do livro é uma referência irônica de uma famosa charada crítica bolchevique, e isso já mostra a postura militante em Barbusse. Ele continua suas observações sobre o uso da violência, descrita por ele não como uma arma, mas uma ferramenta necessária para uma mudança social profunda.

## 2.1 A VIDA INTELECTUAL DE HENRI BARBUSSE

Em 1918, Jean Longuet<sup>24</sup> convidou Henri Barbusse para exercer o cargo de diretor do jornal *Le Populaire*. Seu primeiro artigo foi intitulado como “Cartas e Progresso”, que seria a expressão da “minoridade pacifista” do Partido Socialista. Anteriormente, após deixar o front, entre os anos de 1916 e 1917, Henri Barbusse fundou junto do intelectual Anatole France<sup>25</sup> o movimento *Clarté*, que tinha como pilares o pacifismo e o socialismo. Este movimento, por sua vez, foi uma mobilização de intelectuais contra a guerra baseada na denúncia de que muitos intelectuais dedicaram sua arte, ciência e razão a favor dos governos, quando esta intenção não era compartilhada e pretendida pelos mesmos.

Um artigo chamado “A Declaração de independência do espírito”, foi publicado no jornal do Partido Socialista Francês *L’Humanité*, assinado por intelectuais de diversos países, incluindo Henri Barbusse. Este texto explica a responsabilidade de suas convicções, e diz o seguinte:

não servir a nada mais que à livre Verdade, sem fronteiras, sem limites, sem preconceito de raças ou de castas. Certamente não nos desinteressamos pela Humanidade. Para ela trabalhamos, mas para ela sua totalidade. Não conhecemos os povos; conhecemos o Povo – único, universal – o Povo que sofre, que luta, que cai e volta a se levantar, que sempre avança pelo caminho difícil, coberto de suor e sangue... o Povo de todos os homens, todos eles, igualmente, nossos irmãos.<sup>26</sup>

---

<sup>22</sup> SOBANET, Andrew. *Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018, pag. 48.

<sup>23</sup> IBID Pag 48

<sup>24</sup> Advogado socialista francês e neto de Karl Marx, foi o fundador do jornal *Le Populaire*.

<sup>25</sup> Escritor francês autor do livro “O Crime de Silvestre Bonnard”.

<sup>26</sup> “*Fièvre déclaration d'intellectuels*”, *L’Humanité*, 26/06/1919. Este artigo encontra-se citado na obra de DA SILVA, Michel Goulart. *Entre a foice e o compasso: imprensa, socialismo e maçonaria na trajetória de Everardo Dias na primeira república*. 2016. 211 p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2016, pag. 55.

A guerra exigia uma comoção nacional que envolvia diversos setores sociais, sendo o cultural o combustível para a obtenção de apoio popular. Este movimento por sua vez, buscava ser internacional, para garantir a “preservação da independência intelectual”. Segundo Michel Goulart da Silva<sup>27</sup> um manifesto chamado “Por uma Internacional do Pensamento” foi publicado em 1918 cujas convicções eram ligadas a Romain Rolland, e em julho de 1919, uma “Declaração de Independência Intelectual” foi assinada por diversos apoiadores que logo após assumiram o movimento. Michel Goulart da Silva diz que “O grupo se colocava na contracorrente do relativo consenso nacional em apoio à guerra, que unificava não apenas intelectuais de esquerda e direita, mas também parte da militância socialista”<sup>28</sup>

O objetivo era formar uma organização com eixos em diversos países, para a publicação de uma revista internacional com o intuito de “combater os preconceitos, os erros, a ignorância, que separam e isolam os homens e permitiram até este momento cegamente lançá-los uns contra os outros”, mostrando um grande otimismo em relação ao momento político, chegando a afirmar que “a democracia é invencível”<sup>29</sup> (Henri Barbusse, “*Le groupe Clarté*”, *L'Humanité*, 10/05/1919). O título desta revista era o mesmo nome do movimento, *Clarté*, publicada em 1919, nome de um romance escrito por Barbusse no mesmo ano e era o próprio autor quem comandava o grupo e a revista. Foi publicada pela primeira vez em 11 de outubro de 1919, e nela continha o código de atuação do grupo, que era “liga de solidariedade internacional para o triunfo da causa internacional.”<sup>30</sup>

Michel Goulart da Silva<sup>31</sup> ainda nos traz informações interessantes de que membros deste movimento francês estavam se aproximando da Terceira Internacional<sup>32</sup>, mas o grupo *Clarté* não aderiu ao comunismo, isto porque apesar de Barbusse ser ligado ao comunismo, preferiu preservar a independência do movimento e não se juntar ao Partido Comunista Francês.

Em 1921, a publicação da revista foi pausada e retornou dois meses depois, não mais como revista quinzenal, mas semanal, mantendo o mesmo nome. O escritor Guessler

---

<sup>27</sup> DA SILVA, Michel Goulart. Socialismo e revolução nas páginas do *Clarté*. Tempos Históricos, v. 21, n. 2, p. 52-73, 2017, pag. 55

<sup>28</sup> IBID Pag.56

<sup>29</sup> BARBUSSE, Henri. “*Le groupe Clarté*”, *L'Humanité*, 10/05/1919

<sup>30</sup> IBID Pag. 56 apud HALL, Michael e PINHEIRO, Paulo Sérgio. O grupo Clarté no Brasil: da revolução nos espíritos ao ministério do Trabalho. In: PRADO, Antonio Arnoni (org.). Libertários no Brasil: memória, lutas, cultura. São Paulo: Brasiliense, 1986, pag. 254.

<sup>31</sup> DA SILVA, Michel Goulart. Socialismo e revolução nas páginas do *Clarté*. Tempos Históricos, v. 21, n. 2, p. 52-73, 2017, pag.. 56.

<sup>32</sup> Organização Internacional fundada em 1919 por Vladimir Lenin e pelos bolcheviques, com o objetivo de reunir partidos comunistas de diversos países.

Normand<sup>33</sup> diz que durante os primeiros anos da revista (1918 a 1921), eram expressados os três elementos contemporâneos da esquerda nos quais os membros se inspiravam: o pacifismo, o internacionalismo e o comunismo. Porém, na volta da revista, os militantes do recém-formado Partido Comunista Francês, Marcel Fourier e Jean Berier, tornaram-se também editores da revista, inclinando o movimento ainda mais para o comunismo. O *Clarté* estava cada vez mais próximo da Terceira Internacional. Este novo caráter da revista chocava-se com o desejo de Barbusse de manter a neutralidade política e universalismo. Mesmo assim, no momento anterior à sua ruptura com *Clarté*, Barbusse estava alinhado com as posições antimilitarista, antinacionalista e comunista da revista. Sobanet<sup>34</sup> diz que em 1923, os editores da revista se declararam comunistas e portanto, por “definição e posição” fora da comunidade nacional e incapazes de nutrir o que chamavam de “sentimentos franceses”. Os textos de Barbusse na *Clarté* assumiram formas como ficção, ensaios políticos, manifestos e correspondências. Ou seja, desde o começo da década de 1920, Barbusse fazia o seu típico trabalho, promovendo ideias leninistas e da causa internacional.

O autor Michel Goulart da Silva<sup>35</sup> explica que uma vez assumindo os ideais comunistas, a repercussão do movimento *Clarté* foi expressiva nos outros países. Além de difundir as ideias do movimento comunista, foi fonte de inspiração para publicações em outros países, das mais variadas características. Por exemplo, na Itália e Inglaterra, os intelectuais foram atraídos pelo pacifismo proposto pela revista inicialmente, mas afastaram-se quando o grupo se aproximou do comunismo. Na Escandinávia, o grupo assumiu posições anticomunistas. Em contrapartida, na Grécia, o grupo *Clarté* fundou o Partido Comunista.

Além de *Clarté*, o escritor dirigiu também a ARAC (Associação dos Republicanos Veteranos), outra entidade na qual esteve ligado logo após a guerra. A ARAC levou à criação de uma organização internacional para veteranos, chamada *L'Internationale des Anciens Combatentes* (IAC). Assim como *Clarté*, a IAC era uma instituição independente, embora ligada ao socialismo, e posteriormente, à Terceira Internacional. As duas organizações contribuíram para o distanciamento de Barbusse das práticas republicanas francesas, e também são responsáveis pelo aprofundamento de Barbusse aos pensamentos internacionalistas marxistas e por defender posições contra conceitos considerados interligados como capitalismo, imperialismo, militarismo e nacionalismo.

---

<sup>33</sup> NORMAND, Guesler. *Henri Barbusse and his Monde (1928-35): progeny of the Clarté Movement and the Review Clarté*. *Journal of Contemporary History*, v. 11, n. 2, p. 173-197, 1976, pag. 174.

<sup>34</sup> SOBANET, Andrew. *Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018, pag. 50.

<sup>35</sup> DA SILVA, Michel Goulart. Socialismo e revolução nas páginas do *Clarté*. *Tempos Históricos*, v. 21, n. 2, p. 52-73, 2017, pag. 57.

Barbusse decidiu juntar-se ao PCF em 1923, e anunciou sua decisão em seu ensaio de fevereiro, com o título “A Linha Reta”<sup>36</sup>, onde explicou que a grandeza do comunismo orientou-o a deixar de lado a sua autonomia, e disse que sua atitude foi justamente para melhor servir ao partido. Ao unir-se ao partido, elogiou o PCF por sua junção à Terceira Internacional, reverenciando a causa pela sua intransigência e por sua negação em comprometer-se com os interesses sociais enraizados.

Sobanet<sup>37</sup> diz que em meados da década de 1920, Barbusse aceitou facilmente as regras partidárias e rejeitou publicamente o conceito de “Barbussismo”, ou seja, uma ideologia ligada aos seus pensamentos, em favor de promover a linha autêntica do partido. Além disso, Barbusse foi nomeado diretor científico e literário de *L’Humanité* em 1926 e ocupou este posto até 1929. Ao assumir o posto, reafirmou sua crença de que a arte, a literatura e o cinema deveriam ser armas no campo ideológico do partido. Ele disse que aproveitaria o seu status para promover a arte proletária, caracterizada por ele como “saudável, jovem, forte e clara”, pois acreditava que a arte daria reconhecimento à luta das massas e as levaria à libertação.

Simultaneamente, Barbusse compartilhava suas convicções com o comissário soviético da educação, Anatoly Lunatcharski, a fim de promover uma revista semanal capaz de mobilizar artistas e intelectuais. Sobanet<sup>38</sup> diz que a intenção desta revista parecia muito com as de Clarté, ARAC e IAC. Este periódico seria independente, ou assim seria superficialmente. Em fevereiro de 1926, Barbusse escreveu para Lunatcharski como o periódico *Monde* deveria ser: “deve apresentar-se como uma grande literatura e para uma ampla leitura”.<sup>39</sup> Na verdade, seu objetivo estava em ampliar metas unificadoras, como unir trabalhadores e intelectuais, lutar contra tendências reacionárias, e formar e divulgar a “arte das massas”. Além disso, Barbusse criou um comitê executivo internacional importante composto por nomes como Einstein, Gorky e Upton Sinclair. A revista *Monde* foi, enfim, publicada em junho de 1928.

Ainda comentando sobre a revista, Sobanet<sup>40</sup> diz que apesar de *Monde* declarar ser independente, há indícios de que essa condição era uma fachada. Uma carta de fevereiro de

---

<sup>36</sup> BARBUSSE, Henri “*La Ligne droite*”. 1923. A citação do artigo encontra-se na obra SOBANET, Andrew. *Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018, pag. 51.

<sup>37</sup> IBID Pag. 51

<sup>38</sup> IBID Pag. 51

<sup>39</sup> “[*Monde*] should present itself as a great literary and current events paper.” SOBANET, Andrew. *Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018, pag . 51.

<sup>40</sup> SOBANET, Andrew. *Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018, pag . 52.

1928, que estava guardada nos arquivos estatais russos, mostra que Barbusse comunicava-se com as autoridades russas com um propósito diferente para *Monde*. Nesta carta que tinha como destinatário a VOKS, uma organização soviética de divulgação externa, pedia apoio financeiro e material para *Monde*. Barbusse escreveu: “A VOKS procura difundir e propagar a cultura e a atividade soviéticas. A *Monde* é um órgão internacional que se vê como tendo as mesmas diretrizes em relação à União Soviética. Pode-se dizer que o trabalho de *Monde* e o da VOKS têm o mesmo objetivo”<sup>41</sup>. Sobanet<sup>42</sup> diz que segundo Barbusse, o próprio Stalin – em 1927 - quando o projeto ainda estava em andamento, aprovou essa independência nominal e estratégica de *Monde*. Além disso, Sobanet<sup>43</sup> revela que baseado em informações contidas nos cadernos de Marcel Cachins, entende-se que Barbusse esforçou-se para garantir uma postura pró-soviética específica para a revista e recebeu fundos para isso. Inclusive, em 1929, Barbusse pediu a Stalin para que permitisse que os fundos da venda da revista na URSS fosse disponibilizado em alguma moeda útil na França (como o dólar, rublos ou francos), já que o rublo soviético não era circulável internacionalmente.

A *Monde*, apesar de sua orientação para um conceito mais partidário, era mais diversificada em conteúdo do que órgãos declaradamente oficiais do partido. Mesmo que, teoricamente, sua natureza diversificada tenha atraído um público mais amplo, também a tornou alvo de acusações de dentro do partido, como sua aparente hostilidade à ordem marxista, além de ser acusada por não divulgar a literatura proletária de acordo com as restrições partidárias e de incentivar os valores burgueses. Sobanet<sup>44</sup> diz que, resumidamente, *Monde* foi acusada de ser confusa pelo PCF. Por causa disso, a revista foi assunto de debate dentro dos núcleos do partido inicialmente. Na União Soviética, *Monde* também foi um fator preocupante, mesmo que a revista tenha sido aprovada pelo Estado soviético anteriormente. O Departamento de Cultura e Propaganda do Comitê Central do Partido Comunista preocupou-se com os componentes trotskistas que rodeavam Barbusse através de *Monde*. Porém, Sobanet<sup>45</sup> diz esses contratemplos diminuíram até 1932, e não tiveram consequências no posto de Barbusse nem na continuidade de *Monde* (apesar de ter sido ameaçada por razões

---

<sup>41</sup> “VOKS seeks to spread and to propagandize Soviet culture and activity.

*Monde* is an international organ that sees itself as having the same directives concerning the Soviet Union. One can say that the work of *Monde* and that of VOKS have the same goal.” SOBANET, Andrew. *Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018, pag . 52.

<sup>42</sup> IBID Pag. 52

<sup>43</sup> IBID Pag. 52

<sup>44</sup> IBID Pag. 52

<sup>45</sup> SOBANET, Andrew. *Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018, pag . 53

financeiras e políticas). Mesmo com todos os problemas vivenciados por *Monde*, Sobanet<sup>46</sup> diz que a revista foi uma ferramenta importante para divulgar uma série de políticas soviéticas, como a rápida industrialização, a estatização da cultura agrícola, e a arte e literatura soviéticas oficialmente legalizadas.

Barbusse, além de diretor, frequentemente publicava seus livros na *Monde*, e com isso, recebeu uma enorme divulgação e boas críticas na revista. O projeto foi um dos trabalhos mais importantes na vida de Barbusse, e foi fechada um pouco depois de sua morte, em agosto de 1935.

## 2.2. A FORMAÇÃO DO PCF E A DISCUSSÃO COM ROMAIN ROLLAND

Após 1920, a imprensa do PCF tornou-se mais centralizada, como o *L'Humanité*, que buscou a evolução do espírito e do conteúdo socialista *jaurèsiano*<sup>47</sup>. O autor explica que quando o dogma marxista dominou, os comunistas franceses “bolchevizaram os bolcheviques” e tornaram-se leais à Terceira Internacional. Para isto, o partido forneceu aos membros duas opções: expulsão ou capitulação para Moscou, e nenhuma escolha independente foi aceitável. Em 1924, a oposição dos trabalhadores de esquerda foi expulsa do PCF, membros que discordavam também foram retirados e condenados. Com essas expulsões, o Partido Comunista desenvolveu uma liderança burocrática baseado no Comitê Central da Rússia. Fisher<sup>48</sup> explica que, sendo Trotski o principal articulador soviético da política da Terceira Internacional em relação à França, essas pessoas expurgadas foram expostas e desacreditadas às massas e militantes do partido.

As características do PCF consistiam em ser orientado para a ação, além de ser antiparlamentar, antimilitarista e não-teórico. A partir dos mandamentos impostos, foi contruído um movimento político coerente, com estratégias flexíveis e disciplinadas, cujos membros aceitaram medidas para a criação de uma organização homogênea e hierárquica. Para aproximar-se dos trabalhadores industriais franceses, o partido utilizou diversas maneiras legais ou não, como eleições e oposição ao exército. David Fisher<sup>49</sup> em sua obra intitulada “*Romain Rolland and the Politics of the Intellectual Engagement*” mostra que a lealdade do

---

<sup>46</sup> SOBANET, Andrew. *Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018, pag . 53

<sup>47</sup> Socialismo Jaurèsiano advém do político socialista francês Jean Jaurès , que reconhecia a luta de classes, mas propunha uma revolução social democrática e não violenta.

<sup>48</sup> FISHER, David. *Romain Rolland and the Politics of the Intellectual Engagement*. Routledge, 2017, pag. 80

<sup>49</sup> FISHER, David. *Romain Rolland and the Politics of the Intellectual Engagement*. Routledge, 2017, pag. 80.

PCF à liderança soviética levou-o à situações políticas fatídicas, já que no final da bolchevização, nos anos de 1926-1927, o Partido Comunista tornou-se um movimento das massas reconhecido, cujos objetivos estavam subordinados às prioridades da política externa russa.

Desta maneira, Fisher<sup>50</sup> comenta sobre a situação na qual o comunismo francês se submeteu quando aplicou essas práticas vinculadas essencialmente à União Soviética.

O comunismo francês desenvolveu uma relação paradoxal com a sociedade e a política francesas, o que levou à guetização do PCF. Permaneceu ideologicamente preparado para uma revolução que nunca se materializou. Os representantes do partido tinham uma compreensão pueril e vulgar da teoria marxista. O PCF, proclamando sua intolerância à democracia, dissociou-se das tradições socialistas francesas de livre discussão e participação dos membros na tomada de decisões.<sup>51</sup>

Neste cenário político francês, Fisher<sup>52</sup> menciona outro intelectual que fazia suas considerações quanto à guerra e o momento político acerca do comunismo e a segregação de setores da esquerda. Era Romain Rolland, um escritor francês, comprometido com a harmonia e reconciliação. Para ele, a separação em 1920 dos comunistas franceses e os socialistas era desastrosa. A ruptura acabou enfraquecendo o movimento proletário, fazendo com que a classe trabalhadora se confundisse, desviando-a de seus interesses legítimos. Sua atitude reativa foi quando se recusou a emprestar o seu nome a uma das partes da esquerda como instrumento autoritário contra o rival. Rolland comentou “Eu não me misturarei nas lutas ímpias que dividiram e enfraqueceram as duas metades do socialismo.”<sup>53</sup>

Para o intelectual não havia inimigos à esquerda. Os reais oponentes eram aqueles que controlavam a mudança sócio-política e cultural progressiva. Na verdade, Rolland resistiu à guerra, tentando “promover dentro da França a confederação de todas as forças da esquerda revolucionária contra a reação.”<sup>54</sup>

---

<sup>50</sup> FISHER, David. *Romain Rolland and the Politics of the Intellectual Engagement*. Routledge, 2017, pag. 80.

<sup>51</sup> “French communism developed a paradoxical relationship to French society and politics, which led to the ghettoization of the PCF. It remained ideologically primed for a revolution that never materialized. Party representatives had a puerile and vulgarized grasp of Marxist theory. The PCF, proclaiming its intolerance of democracy, disassociated itself from the French socialist traditions of free discussion and participation by the membership in decision making” FISHER, David. *Romain Rolland and the Politics of the Intellectual Engagement*. Routledge, 2017, pag. 81.

<sup>52</sup> IBID Pag. 81

<sup>53</sup> “I will not mingle in the unholy struggles that have divided and weakened the two halves of Socialism” FISHER, David. *Romain Rolland and the Politics of the Intellectual Engagement*. Routledge, 2017, pag. 81.

<sup>54</sup> IBID Pag. 81

Fisher<sup>55</sup> explica a diferença que Romain Rolland fazia entre os ativistas políticos e os intelectuais. Enquanto os primeiros deveriam objetivar suas ações e estreitarem seu foco para serem eficazes, os intelectuais usavam a criatividade, que é uma característica absoluta e atemporal; ou seja, Rolland instruía, sobretudo os mais jovens, a exercerem o papel de intelectuais a fim de restaurarem a confiança no individualismo, impedindo de envolverem-se em atividades políticas e sociais. Entretanto, Rolland não subestimava a ação revolucionária ou a capacidade educativa das propagandas, mas acreditava que essas atividades não eram função dos intelectuais, pois eles deveriam concentrar-se em ações mais fortes, vastas e profundas.

Conhecer Romain Rolland é importante para o entendimento das convicções de Barbusse. A princípio, os dois intelectuais pensavam a guerra de uma forma próxima. Rolland publicou três trabalhos – uma peça, uma novela e um romance - quando os tratados de paz foram firmados . Todos eles continuam visão anti-guerra e estética. Segundo Fisher<sup>56</sup>, a peça “Liluli”<sup>57</sup>, escrita em 1919, foi a maior crítica ao desejo do pensamento conformista da sociedade francesa ao longo da guerra e de como ela distorcia ideias, pessoas e instituições. No mais, ninguém poderia se opor a este acontecimento. A história, portanto, é sobre um francês revoltado chamado Jean-Christophe sobre a mentira francesa. Essa mentira era a submissão de um idealismo histórico, conhecido como nacionalismo. Fisher<sup>58</sup> explica que a peça “Liluli” mostra como a tecnologia e propaganda estimularam a agressão em massa. Esta crítica atinge diretamente os intelectuais europeus, pois à medida que a violência aumentava, essa classe desenvolvia apreço pela morte, pela glória e pela nostalgia de sua juventude perdida. Fisher explica a metáfora Liluli: “a feiticeira da ilusão, não se importava com nada e pertencia a todos e a ninguém, por sua vez. Sua evasiva imoralidade transformou o cérebro dos homens de dentro para fora, preparando-os para matar ou ser morto.”<sup>59</sup> O desfecho da peça não mostra como livrar-se do assassinato coletivo.

Já na novela “Pierre e Luce”<sup>60</sup>, de 1920, Rolland evidencia um ponto em comum de toda a guerra através dos jovens. A história se passa em 1918, no bombardeio da igreja de

---

<sup>55</sup>FISHER, David. *Romain Rolland and the Politics of the Intellectual Engagement*. Routledge, 2017, pag. 80.  
Pag. 81

<sup>56</sup> IBID Pag. 82

<sup>57</sup> ROLLAND, Romain. Liluli. Ollendorff, 1920. A peça está citada na obra de FISHER, David. *Romain Rolland and the Politics of the Intellectual Engagement*. Routledge, 2017, pag. 82.

<sup>58</sup> FISHER, David. *Romain Rolland and the Politics of the Intellectual Engagement*. Routledge, 2017, pag. 82.

<sup>59</sup> “Liluli, the enchantress of illusion, cared for nothing and belonged to everyone and no one in turn. Her elusive amorality turned men's brains inside out, preparing them to kill or to be killed” FISHER, David. *Romain Rolland and the Politics of the Intellectual Engagement*. Routledge, 2017, pag. 82.

<sup>60</sup> ROLLAND, Romain. Pierre et Luce . Geneva, 1971. A novella está mencionada na obra de FISHER, David. *Romain Rolland and the Politics of the Intellectual Engagement*. Routledge, 2017, pag. 82.

Saint Gervais na sexta-feira santa, e “Pierre e Luce” expõe que ninguém foi poupado durante a guerra. O fundamento da peça segundo Fisher<sup>61</sup> é essencialmente a banalização da morte e a insensibilidade da perda desenvolvida pelas pessoas. Além disso, a guerra destruiu instituições sólidas como família, país e religião. Desta forma, Fisher<sup>62</sup> ainda diz que quando a certeza, a calma e a memória desaparecem, não há como fugir do presente, e conclui que esses jovens morreram por nada.

Por fim, de acordo com Fisher<sup>63</sup> Rolland escreveu o romance Clérambault<sup>64</sup> cujo subtítulo é “A História de uma Consciência Livre Durante a Guerra” entre 1916 e 1920. No romance, expôs sua posição filosófica que o permeou durante o período. Como foi um experimento literário anti-guerra, Rolland usou metáforas para falar sobre o discurso pacifista muito utilizado nas décadas de 1920 e 1930. Rolland revela suas duas teses, segundo Fisher<sup>65</sup>: a guerra era criminosa e a ideia de um país era fantasiosa. Apesar das ideias de chauvinismo, crueldade humana, militarismo, o romance ia além. O objetivo era motivar o pacifismo integral, condenando todas as formas de violência, inclusive o uso da força pelos revolucionários. O tema principal do livro é o dilema dos intelectuais pacifistas no pós-guerra. O que estava em pauta era justamente deixar com que o intelectual pensasse livremente. Um pensador livre compreende todos os lados e defende os valores eternos, mesmo que esses valores sejam vistos como inimigos em algum período da história. O personagem Clarémbault vive isso de forma intensa. Os sentimentos acerca desta reflexão são confusos e duvidosos. O personagem sentia-se perdido e solitário. Fisher<sup>66</sup> diz que essa consciência foi conquistada através de culpa e penitência, já que a mudança aconteceu por causa da morte de seu filho Maxime nas trincheiras. Fisher diz então que o sofrimento dizimou seu pensamento acrítico, e arrancou seus sentimentos patrióticos acalorados para fazê-lo entender sobre sua responsabilidade pela morte do filho. Mais ainda, Rolland julgou os pais dessa juventude responsáveis pela sua morte. A crítica do autor remete continuamente ao pensamento europeu. Fisher<sup>67</sup> diz que a conclusão de Rolland é a de que ideias podem ser tão perigosas quanto um canhão. A guerra domou os intelectuais, tirou-os a capacidade de inteligência crítica. Fez-os

---

<sup>61</sup> FISHER, David. *Romain Rolland and the Politics of the Intellectual Engagement*. Routledge, 2017, pag 82.

<sup>62</sup> IBID Pag. 82

<sup>63</sup> FISHER, David. *Romain Rolland and the Politics of the Intellectual Engagement*. Routledge, 2017, pag 83.

<sup>64</sup> ROLLAND, Romain. *Clérambault. Histoire d'une conscience libre pendant la guerre*, Geneva, 1920. O romance está mencionado na obra de FISHER, David. *Romain Rolland and the Politics of the Intellectual Engagement*. Routledge, 2017, pag. 83.

<sup>65</sup> FISHER, David. *Romain Rolland and the Politics of the Intellectual Engagement*. Routledge, 2017, pag 83.

<sup>66</sup> IBID Pag. 83

<sup>67</sup>FISHER, David. *Romain Rolland and the Politics of the Intellectual Engagement*. Routledge, 2017, pag. 80. pag. 83

achar que a guerra era o progresso para a total harmonia e apontou a má fé coletiva dos intelectuais diante do apoio pelo assassinato. As tensões políticas advindas do pensamento independente e pacifista de Clérambault explodiram quando o personagem publicou em jornais da esquerda em meio à guerra, quando as informações eram confusas e desencontradas, e foi assim que teve contato com militantes proletários e revolucionários socialistas. Os escritos do personagem eram condenando o imperialismo e o capitalismo, sempre evidenciando diretamente a crítica ao Estado, ao nacionalismo e à civilização ocidental. Fisher<sup>68</sup> diz que ao assumir seu individualismo, Clérambault seguiu fora do movimento revolucionário e não se subordinou às regras dos líderes proletários. Isto porque a ideia de ação direta, ou seja, violenta, era leviana e autodestrutiva, que impossibilitava a construção de uma nova sociedade. Ao travar esta solitária batalha, com seu pensamento livre e crendo no internacionalismo, Clérambault foi denominado como traidor, recebeu ameaças de morte e julgaram-o de fazer propaganda pacifista entre a classe dos trabalhadores. Do outro lado, a imprensa nacionalista motivou ataques violentos contra o personagem, aflitos que suas ideias rebeldes atacassem a moral. Por fim, Clérambault foi assassinado por um nacionalista. Consta-se, portanto, que o personagem é uma extensão dos pensamentos de Rolland.

A partir desta análise sobre Romain Rolland, é possível compreender seu embate com Barbusse. No início da década de 1920, Barbusse inspirou-se no pensamento anti-guerra de Rolland, especialmente na sua preocupação em preservar a *intelligentsia*<sup>69</sup>, enquanto Rolland aprecia a obra anti-guerra de Barbusse.

Em 23 de junho de 1919, Rolland sai definitivamente da revista *Clarté*. O que Rolland previa já estava acontecendo. O avanço do movimento, inicialmente pacifista em 1919, chegou ao apoio da Terceira Internacional em 1920, e *Clarté* direcionou-se ideologicamente ao assumir sua linha política mais firme. Fisher<sup>70</sup> diz que a crítica de Rolland estava ligada às intenções que a revista se propôs. A denúncia do pós-guerra de Barbusse estava acompanhada de artigos “desequilibrados” sobre a Revolução Soviética. Percebeu que o objetivo de *Clarté* era canalizar suas mensagens para aqueles que já pensavam como a revista. Esta intolerância impediria o comunismo de ser estudado profundamente e firmar-se no âmbito cultural. Segundo Fisher<sup>71</sup>, Barbusse passou a imagem de ser “muito bom, amável, mas um pouco lisonjoso” para Rolland, pois o escritor desejava aclamação pública. Mesmo que sua determinação política fosse na mesma linha de Rolland, Barbusse recorria ao jornalismo e

---

<sup>68</sup> FISHER, David. *Romain Rolland and the Politics of the Intellectual Engagement*. Routledge, 2017, pag.. 84.

<sup>69</sup> O termo denomina o conjunto de intelectuais que trabalham para disseminar cultura pelo seu país.

<sup>70</sup> FISHER, David. *Romain Rolland and the Politics of the Intellectual Engagement*. Routledge, 2017, pag.. 89.

<sup>71</sup> FISHER, David. *Romain Rolland and the Politics of the Intellectual Engagement*. Routledge, 2017, pag 89.

manipulação das massas, enquanto Romain Rolland trabalhava com meios alternativos. Mais ainda, Rolland sentia que Barbusse desejava sucesso imediato, e, segundo Fisher<sup>72</sup> comparava a época de sua vida reclusa na qual escrevia “Jean-Christophe”<sup>73</sup> com a glória instantânea de Barbusse através de “O Fogo”, e que diante dessas circunstâncias vividas por Barbusse, ele não teve a capacidade de se preparar para o trabalho mais importante que estava à sua frente. Fisher<sup>74</sup> conta que em abril de 1920, Rolland considerou Barbusse um fracasso, que havia perdido sua soberania moral quando a trocou para ser um orador em reuniões literárias. Segundo Fisher<sup>75</sup>, para Rolland, Barbusse era apenas mais uma celebridade francesa, um literato que estava na moda. Mais do que isso, seu caráter era fraco, já que para o escritor, em Barbusse não existia valores básicos e era facilmente seduzido pela fama.

De 1919 a 1922, Barbusse tentou persuadir os membros da Associação Republicana de Veteranos e os intelectuais do grupo *Clarté* da causa Terceira Internacional, ao passo em que confirmava a sua independência política. Fisher<sup>76</sup> nos apresenta uma seção escrita por Barbusse chamada ‘A Faca Entre os Dentes: Para os intelectuais’<sup>77</sup> onde comparou o comunismo “à razão e às verdades eternas da consciência”. A ideologia comunista estava no topo das ideias, e para Barbusse, os intelectuais que não eram solidários ao movimento foram considerados incapazes de assumir suas responsabilidades sociais. O escritor via essa omissão como falta de noção da realidade e desconfiança sobre a política atual. Além disso, Barbusse equiparou aqueles inativos politicamente com os conservadores “Aqueles que não estão conosco, estão contra nós”<sup>78</sup>.

Este manifesto mostrou Barbusse intolerante às oposições políticas, como o liberalismo, pacifismo, anarquismo, julgando-as como fora de moda e socioeconomicamente irrealis. Os intelectuais precisaram aceitar o ideal da Terceira Internacional, além de mostrarem solidariedade à Revolução Soviética, como o começo da segunda fase da humanidade. Barbusse defendia a violência a fim do progresso social. Para ele, a violência e a ditadura dos proletários eram os meios solucionáveis para acabar com o socialismo.

---

<sup>72</sup>FISHER, David. *Romain Rolland and the Politics of the Intellectual Engagement*. Routledge, 2017, pag.. 90

<sup>73</sup> Carta de Rolland para Bloch, *Journal intime* em 10 de Abril de 1920. A citação da carta encontra-se na obra de FISHER, David. *Romain Rolland and the Politics of the Intellectual Engagement*. Routledge, 2017, pag. 89.

<sup>74</sup> FISHER, David. *Romain Rolland and the Politics of the Intellectual Engagement*. Routledge, 2017, pag 89.

<sup>75</sup> FISHER, David. *Romain Rolland and the Politics of the Intellectual Engagement*. Routledge, 2017, pag 89.

<sup>76</sup> IBID Pag. 89

<sup>77</sup> BARBUSSE, Henri. *Le Couteau entre les dents. Aux intellectuels*, Paris, 1921

<sup>78</sup> "Those who are not with us are against us." A frase está escrita no manifesto *Le Couteau entre les dents. Aux intellectuels* mencionada na obra FISHER, David. *Romain Rolland and the Politics of the Intellectual Engagement*. Routledge, 2017, pag 90.

Fisher<sup>79</sup> mostra que para conseguir apoiadores, Barbusse ofereceu duas concessões: a primeira era a de que uma aliança com o grupo comunista não teria necessariamente a obrigação de subordinação com o partido nem com a sua sociologia, além de não serem obrigados a participar das organizações nem de obedecer cegamente a disciplina do partido. A segunda, ironicamente, foi a “reconciliação” com Romain Rolland, já que Barbusse desdenhava dos pacifistas ao dizer que confundiam a fantasia de paz com a realidade. Ainda disse que relutava em expulsar Romain Rolland e o seu valor frente as organizações comunistas.

Fisher<sup>80</sup> conta que durante quase um ano, de dezembro de 1921 até meados de 1922, os dois fizeram trocas de cartas abertas acerca das responsabilidades políticas e sociais referentes a eles. A discussão começou após o artigo de Barbusse na revista *Clarté* chamado “A outra metade do dever: sobre o rollandismo. Rolland respondeu-o através do jornal *L’Arte Libre de Bruxelas*, e cópias foram reimpressas na *Rassegna Internazionale Italiana* e no *Jornal du Peuple*.

Os argumentos usados por Barbusse em relação ao rollandismo era a de que essa “esquerda intelectual” não-reacionária era ineficaz, já que não se ligavam à política, tinham uma fobia anti-histórica sobre violência e que faziam circular ideias moralistas e sem finalidade. O domínio desta categoria era de ideias puras, sem organização, regulamentação coletiva e análise científica dos problemas da sociedade. Fisher<sup>81</sup> conta que Barbusse analisou Clérambault, e condenou a atitude do personagem sendo “sozinho contra todos”, sendo, na verdade, “uma luta inadequada contra um poderoso inimigo”.

A progressão do modelo de *Carté* desenvolvida por Barbusse, foi seu compromisso indireto com a Terceira Internacional e com o socialismo leninista. O socialismo era considerado infalível, científica e realisticamente, contendo razão e internacionalismo. Este compromisso firme de *Clarté* com o socialismo se deu pelo seu poder de unir filosofia e ação. Não havia outro jeito de conciliar o presente opressivo e o futuro libertador, como explica Fisher. O autor diz:

A ciência socialista de Barbusse operava pelas leis aplicáveis, enquanto a visão Rollandista era imprecisa, ornamental e impressionista. A independência por independência foi circular e historicamente antiquada. Os intelectuais precisavam do comunismo para realizar seus sonhos.<sup>82</sup>

---

<sup>79</sup> FISHER, David. *Romain Rolland and the Politics of the Intellectual Engagement*. Routledge, 2017, pag. 90.

<sup>80</sup>IBID Pag. 90.

<sup>81</sup> IBID Pag. 91

<sup>82</sup>“Barbusse’s socialist science operated by applicable laws, whereas the Rollandist view was imprecise, ornamental, and impressionistic. Independence for the sake of independence was circular and historically

Fisher<sup>83</sup> diz que para Barbusse, os instrumentos para a mudança social eram as multidões, mobilizados por sua consciência de desigualdade do sistema capitalista. Interessante quando o autor diz que os trabalhadores construíram uma “geometria social revolucionária” por meio da violência e restrição, mesmo que a violência fosse um elemento provisório e neutro no campo da reconstrução socialista. Barbusse disse que os rollandistas exageraram na função da luta da força de classes, quando não consideraram que este regime imperialista e capitalista se fortalecia com os crimes sociais. Para consolidar esta ideia, Barbusse convenceu jovens intelectuais e estudantes a entenderem a violência de forma circunstancial, pois foi útil historicamente. "A violência é na totalidade da concepção social revolucionária apenas um detalhe e apenas um detalhe provisório".<sup>84</sup>

Resumidamente, a resposta de Rolland foi uma dura crítica ao neo-marxismo comunista de Barbusse, pelo escritor defender a “infallibilidade de suas leis fundamentais”. Essa certeza era o relexo da arrogância do pensamento comunista e o desejo de universalizar o modelo soviético. Mais do que isso, Rolland não amenizou os erros dos bolcheviques a partir do contexto histórico. Mesmo que houvesse guerra civil, e intervenção dos governos europeus e americanos, que ajudaram os conflitos soviéticos a se agravarem, os bolcheviques e seus partidos ocidentais deveriam assumir a responsabilidade pela repressão e violência ainda existentes no país. Rolland percebeu as reais intenções ao observar seu sigilo, intolerância à oposição e dureza na linha política. A tática soviética era para Rolland reativa à mentiras, simples e política para que ele a tolerasse como sua ideia de revolução, sendo totalmente oposto à ideia de opressão.

Fisher<sup>85</sup> diz que Rolland aproveitou para usar o argumento de Clérambault de que a legitimação comunista sobre a violência incomodou-o mais do que a desumanidade do passado. Rolland não conseguia distinguir a mentalidade comunista dos estereótipos e da psicologia coletiva dos grupos de direita e dos nacionalistas da guerra. As ideologias dos dois lados incentivaram a continuidade da violência. Não apoiar a violência mesmo que fosse temporariamente era uma das divergências entre Rolland e Barbusse. A continuação dessa crítica fala sobre a experiência da violência; pois como vítima ou opressor, sempre há

---

antiquated. Intellectuals needed communism to actualize their dreams.” FISHER, David. *Romain Rolland and the Politics of the Intellectual Engagement*. Routledge, 2017, pag. 92.

<sup>83</sup> “Violence is in the totality of the revolutionary social conception only a detail and only a provisional detail.”

IBID Pag. 92

<sup>84</sup> IBID Pag. 92

<sup>85</sup> IBID Pag. 93.

sequelas na memória que perduram por toda uma vida. E, Fisher<sup>86</sup> complementa com um pensamento interessante de Rolland: os comunistas não pareciam interessados em parar com a agressão, mas prometeram intensificar a guerra de classes. Além disso, não importava a forma do uso da violência, seja ela em pequena escala ou não, a experiência anterior definiu que a psique humana responderia à opressão com outras maneiras de oprimir.

A continuação do debate mostrado por Fisher<sup>87</sup> explica Barbusse incomodado com a suposta falta de compreensão de Rolland pelos ativistas revolucionários. Criticou ainda a sua falta de solução real que traz à infelicidade humana. Ainda em defesa da União Soviética, para Barbusse, Rolland tinha uma obsessão na ideia de violência, e dizia que essas pessoas realmente preocupadas com a violência deveriam denunciar as políticas dos países imperialistas ocidentais que roubavam o mundo e sabotavam o experimento soviético. Para Barbusse, homens como Rolland impediam a revolução em outros países, e retardavam as tentativas dos comunistas de reconstrução social.

Para Rolland, revolução significava liberdade, e este era o conceito mais fundamental de todos, para que a liberdade de pensamento possa caminhar junto ao ativismo revolucionário, havendo sempre o questionamento do poder e para que assim, consiga se posicionar diante das injustiças e falta de direitos. Por isso, Rolland descreve o materialismo comunista aos avanços tecnológicos e industriais europeus. Fisher<sup>88</sup> explica que os comunistas aceitaram o projeto econômico e político, mas eram desinteressados da psicologia e filosofia. Esse descrédito fez os comunistas soviéticos perseguirem aqueles que tinham fé e espírito. Nesta passagem, Fisher expõe o problema em relação ao maquiésmo do comunismo, e como eles deveriam pensar para que o experimento obtivesse êxito:

Tirado de um "livro único" (presumivelmente *Capital*), o marxismo estava mal equipado para explicar a diversidade da natureza humana. Tampouco as fórmulas legalistas e mecanicistas do marxismo soviético eram suficientemente flexíveis para compreender a complexidade da experiência vivida. O racionalismo marxista tentou abranger todo o comportamento humano sob um sistema político e econômico "unitário", esquecendo os aspectos da motivação que brotaram da cultura, educação ou da psique.<sup>89</sup>

---

<sup>86</sup> FISHER, David. *Romain Rolland and the Politics of the Intellectual Engagement*. Routledge, 2017, pag. 80. pag. 93

<sup>87</sup> IBID Pag. 94

<sup>88</sup>IBID Pag. 99

<sup>89</sup> "Drawn from a "single book" (presumably *Capital* ), Marxism was ill-equipped to explain the diversity of human nature. Nor were the legalistic and mechanistic formulas of Soviet Marxism supple enough to grasp the complexity of lived experience. Marxist rationalism tried to encompass all of human behavior under a "unitarian" political and economic system, forgetting those aspects of motivation that sprang from culture, education, or the psyche." FISHER David. *Romain Rolland and the Politics of the Intellectual Engagement*. Routledge, 2017, pag. 100

Fisher<sup>90</sup> mostra que no âmbito soviético, socialistas-revolucionários – partido de oposição aos bolcheviques – foram anunciados para participarem de um julgamento aberto, que estava marcado para a data de 22 de março de 1922, ano que aconteceria também a Conferência de Gênova<sup>91</sup>. O comunicado aumentou mais a intolerância ideológica e endureceu a ditadura soviética. Quem estava por trás desta repressão era o secretário-geral Stalin, enquanto Lênin estava doente. Após, o partido social-revolucionário e as demais oposições políticas soviéticas foram proibidas. A última carta de Rolland para Barbusse é escrita com dúvidas e expectativas sobre o julgamento dos socialistas-revolucionários, alinhando o evento às distorções da teoria e prática leninista. A discussão foi explorada pelos anti-bolcheviques por toda a Europa Ocidental. Rolland ressalta que o intelectual europeu pode fazer críticas ao sistema soviético sem ser taxado de burguês ou reacionário. O conselho de Romain Rolland para os comunistas, segundo Fisher<sup>92</sup>, era para serem mais humildes, preservarem a autocrítica e sobretudo, estarem dispostos a fazerem alianças políticas com apoiadores da causa. Ao censurarem escritores como Bertrand Russell, Georg Brandes e Anatole France, corriam o risco de destruírem a revolução social das forças morais que garantiam influência ao apoio público. Fisher<sup>93</sup> conta que Anatole France, membro leal do grupo *Clarté* e assumidamente comunista, criticou publicamente o julgamento dos socialistas-revolucionários.

A preocupação de Rolland em relação à intransigência de Barbusse mostrada por David Fisher<sup>94</sup> é a de que essa briga levasse à ruptura da esquerda e, conseqüentemente, enfraquecesse o projeto internacionalista. Segundo Fisher<sup>95</sup>, Rolland preocupou-se ainda mais quando *Clarté* recusou-se a publicar a troca das cartas entre os intelectuais enquanto o assunto estava em andamento, e que esta decisão de *Clarté* nada mais era o reflexo do pensamento comunista sobre as liberdades intelectual e de imprensa, mostrando claramente o tipo de sociedade baseada na repressão que os comunistas poderiam construir.

Esta discussão foi aberta em março de 1922 através do pedido de Rolland no *L'Art Libre* para que intelectuais enviassem respostas com seus pensamentos. O título chamou-se

---

<sup>90</sup> IBID Pag. 99

<sup>91</sup> Foi a Segunda Conferência Monetário Internacional intimada pela Liga das Nações, realizada em 10 de abril de 1922 na cidade italiana Gênova. Trinta e quatro países reuniram-se a fim de estabelecer acordos para a reconstrução do comércio e do sistema financeiro internacional após a Primeira Guerra Mundial.

<sup>92</sup> FISHER, David. *Romain Rolland and the Politics of the Intellectual Engagement*. Routledge, 2017, pag. 100

<sup>93</sup> IBID Pag. 100

<sup>94</sup> IBID Pag. 101

<sup>95</sup> IBID Pag. 101

“Independência da mente: respostas ao apelo de Romain Rolland”<sup>96</sup>. Vinte e sete intelectuais responderam. Apenas três deles apoiaram Barbusse, dois ficaram entre Rolland e Barbusse e o resto foi em defesa de Romain Rolland, convictos da importância da oposição à violência na tentativa de legitimar métodos opressivos e ditaduras ditas temporárias.

Em consequência deste acirrado debate, Barbusse rompeu com o internacionalismo, pacifismo e independência do pensamento de Rolland. Barbusse ligou-se à Terceira Internacional e sustentou a ideia de que os intelectuais esperançosos de um futuro melhor se filiariam aos movimentos comunistas. Fisher<sup>97</sup> explica o pensamento de Barbusse: a politização na Europa foi praticamente total e os intelectuais não poderiam mais se iludir de que sua relação com a política não existia. A parcialidade e indiferença não eram éticas. Para Fisher<sup>98</sup>, o objetivo de Barbusse ao longo de todos os anos até a sua morte foi de politizar as massas proletárias e os intelectuais, além de tirar o monopólio político das classes dominantes da sociedade francesa. No mais, Fisher<sup>99</sup> diz que a diferença que separava Romain Rolland de seus opositores comunistas era a de que estes viam a Revolução Soviética e o marxismo no nível político. Já para Rolland, a Revolução significou uma questão moral. Desta maneira, apontou para os ideais que não foram atingidos e os problemas resultantes do evento, tais como os ideais marxistas não aplicados, poder interno abusivo, e ideologia fixada em fórmulas. Rolland havia se decepcionado com a revolução devido às suas grandes expectativas sobre este evento histórico. O escritor pensava firmemente que os representantes da revolução negavam as características espirituais e psicológicas da existência humana. Mesmo assim, ao criticar a revolução, levou em conta também os sucessos obtidos nela, não apenas os erros.

---

<sup>96</sup> "L'Indépendance de l'Esprit. Réponses à l'appel de Romain Rolland," *L'Art libre*, no. 3, March, 1922. Este manifesto encontra-se citado na obra de <sup>96</sup> FISHER, David. *Romain Rolland and the Politics of the Intellectual Engagement*. Routledge, 2017, pag. 104.

<sup>97</sup> FISHER, David. *Romain Rolland and the Politics of the Intellectual Engagement*. Routledge, 2017, pag. 110.

<sup>98</sup> FISHER, David. *Romain Rolland and the Politics of the Intellectual Engagement*. Routledge, 2017, pag. 109.

<sup>99</sup> IBID Pag. 110

### 3. ANÁLISE DA OBRA “O FOGO”

“O Fogo”<sup>100</sup> é o livro com maior relevância escrito por Henri Barbusse. Vencedor do prêmio literário francês *Goncourt*, em 1917, e referência na literatura francesa até os dias atuais, trata-se de um romance em forma de protesto anti-patriótico por tudo o que Barbusse e seus companheiros *poilus*<sup>101</sup> vivenciaram nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial. O enredo é ambientado na batalha entre franceses e alemães, entre 1914 e 1916, ano em que Barbusse deixou a guerra. Esta obra faz parte das narrativas de uma geração de homens do século XX que sentiram a necessidade de relatar a guerra de maneira autêntica e urgente, tais como os também autores Erich Maria Remarque, Isaac Rosenberg e Ernst Stadler, notoriamente conhecidos por seus livros com o mesmo tema.

A experiência da grande guerra em meio às inovações tecnológicas, capazes de serem máquinas mortais de milhares de vidas em curto tempo era novidade. A indústria bélica tornou-se a mais lucrativa, a tecnologia avançou muito em pouco tempo, estudos de eugenia ganharam importância e os meios propagandísticos tornaram-se os mais eficientes para garantir o apoio popular para o financiamento da guerra. Em meio a tudo isso, a literatura teve um papel importante nessa nova perspectiva, pois era uma ferramenta de propagação de denúncias. Os relatos de homens que testemunharam esses momentos eram a maneira encontrada por eles para que a memória não se apagasse, e que chegasse à sociedade civil a outra face das batalhas, que nada tinha a ver com os ideais nacionalistas exibidos nas propagandas.

A forma literária utilizada por Barbusse caracteriza-se como uma narrativa em primeira pessoa, mas percebemos o interesse do autor em contar as experiências dos outros soldados, mais do que suas próprias. As observações feitas por Barbusse ao longo do livro são muito interessantes, pois fica claro que sua preocupação era demonstrar, de fato, o que acontecia nas trincheiras, relatando com detalhes como era a vida desses homens comuns, incluindo a si mesmo. Tudo isso, sem o mínimo interesse em amenizar a realidade. Tais características fazem com que a experiência de leitura desta obra seja ainda mais impactante. Os detalhes contados por Barbusse são capazes de nos transportar à guerra. Não pelo horror das batalhas, embora estas sejam descritas diversas vezes e de várias maneiras ao decorrer do

---

<sup>100</sup> BARBUSSE, Henri. *O Fogo: diário de um pelotão*. Tradução Lívia Bueloni Gonçalves. São Paulo: Madalena, 2015. 404 p. (Coleção Linha do Tempo). Tradução de: *Le Feu*.

<sup>101</sup> *Poilus*: Em português, significa peludo. Designação aos soldados franceses.

romance, mas sim pela capacidade que o autor teve de mostrar aos leitores a rotina e os percalços enfrentados pelos soldados no dia-a-dia.

Já no capítulo um, Barbusse explica como são as trincheiras: locais úmidos, cheios de lama, frios e desconfortáveis. Os homens, que ali estão, não diferem muito da situação das trincheiras. Agasalhados da maneira que podem e conseguem, também encontram-se sujos, malcheirosos, e até com piolhos. Aguentando o cheiro fétido do lamaçal que serve de latrina, conversam entre si, em um diálogo embora deprimente, leve. Isto se deve ao costume dos homens à viver a nova rotina em que se encontram.

Um fato notório no livro é como a vida comum estava distante da realidade vivida por esses homens. Na guerra, os dias se arrastavam através de inúmeras dificuldades, como os sustos das metralhadoras e *obuses*<sup>102</sup>, o tédio, a falta de comida, a incerteza de um novo dia e a esperança de voltarem para casa. A nova perspectiva de vida estava muito longe de suas vidas passadas. Os soldados agora eram sua nova família, e apesar do autor mostrar que esses homens nada tinham em comum - e eram conscientes disso-, eram neles que se apoiavam nos momentos difíceis.

Essa desromantização é uma característica das obras literárias que relatam a guerra. A obra de Barbusse mostra isso claramente, e as divergências de convivência entre os soldados é um exemplo das dificuldades passadas. De fato, este é um contratempo pequeno em relação aos outros problemas enfrentados por eles, mas não deixa de ser angustiante se somado aos outros conflitos que precisavam enfrentar.

Esse verme! Você viu! Sabe, não tem o que dizer: aqui a gente convive com uma pilha de indivíduos que não sabe quem é. A gente se conhece e, no entanto, não se conhece. Mas aquele lá, se quis dar uma de bom comigo, se deu mal. Questão de tempo: eu vou acabar com ele qualquer dia desses, você vai ver.”<sup>103</sup>

Com o passar do tempo, nota-se também a destruição gradual e psicológica que lutar em uma guerra proporciona aos seus combatentes. Em dado momento, o autor relata o sentimento de nostalgia dos soldados ao chegarem em outras cidades, após algum avanço, e encontrarem, por exemplo, uma abundância de comidas e bebidas. Interessante notar como a saudade não é só de suas casas, mulheres e familiares, mas também de condições de vida melhores, algo que lhes era tão usual e que em momentos como esses, já seriam mais que

---

<sup>102</sup> Armamento de artilharia composto por um tubo que dispara projéteis explosivos em trajetórias curvas.

<sup>103</sup> BARBUSSE, Henri. O Fogo: diário de um pelotão. Tradução Lívia Bueloni Gonçalves. São Paulo: Madalena, 2015. 404 p. (Coleção Linha do Tempo). Tradução de: Le Feu. Pag. 57

suficientes para tornar os dias menos difíceis para esses homens e seus corpos e mentes cansados.

Depois, do fundo de sua miséria, os homens evocam imagens saborosas.

- Tudo isso – retoma Barque – não vale a vida boa que tivemos, uma vez, em Soissons.

- Ah! Merda!

Um reflexo de paraíso perdido ilumina os olhos e parece excitar os rostos já frios.

- Você fala de uma festa – suspira Tirloir, que para, pensativamente, de se coçar e olha ao longe, para além da borda da trincheira.

- Ah! Por Deus, toda aquela cidade quase evacuada e que, em suma era nossa! As casas com as camas...

- Os armários!

- Os porões!

Lamuse tem os olhos molhados, o rosto inchado e o coração pesado.<sup>104</sup>

Isto porque os pelotões de soldados precisam arranjar abrigo enquanto não estão nas trincheiras. Esta tarefa mostra-se cada vez mais complicada por causa da destruição das cidades, da lotação das casas existentes - por outros homens que chegaram antes-, pelas condições insalubres dos lugares disponíveis e pelo preço extorsivo dos produtos que ainda existiam, como cigarro, bebidas e os próprios alimentos, devido à lei da oferta e procura estar inflacionada. A exaustão da guerra não acaba nas trincheiras, acompanha-os para aonde quer que vão.

Nostalgia e esperança se unem para dar alento aos homens em forma de carta. Uma das atividades a que os soldados se dedicam no tempo livre é a de ler e escrever cartas. Em sua maioria, de suas mulheres ou familiares. Mesmo que nesses papéis sejam omitidos todo o horror que estão vivenciando, e que, ao ler as cartas recebidas o conteúdo seja o mais banal das vidas comuns que deixaram para trás, essa comunicação é um de seus grandes momentos de alegria. Outras ocasiões interessantes ilustradas no livro são as que Barbusse contempla de forma incomum, ao valorizar pequenas coisas que nos passam despercebidas, mas que para eles, fazia toda a diferença, como assistir aos espetáculos da natureza. O sol depois de um dia frio, observar o mundo ao seu redor, imaginar sua refeição preferida, ou se alegrar por ter sobrevivido à uma bomba que caiu ao seu lado. Pequenas alegrias em meio ao caos.

Henri Barbusse, além de detalhar a morte de seus companheiros, expõe as emoções causadas por estarem sempre ao lado da morte. Não apenas dos outros, mas da sua própria. Essa consciência de entender a fragilidade da vida constrói um paradoxo: os homens sabem

---

<sup>104</sup>BARBUSSE, Henri. O Fogo: diário de um pelotão. Tradução Lívia Bueloni Gonçalves. São Paulo: Madalena, 2015. 404 p. (Coleção Linha do Tempo). Tradução de: Le Feu, pag. 61.

que provavelmente vão morrer neste local, e sair de lá com vida será pura sorte; por isso, o sofrimento ao assistir ou saber sobre a morte de algum companheiro é passageira, mas a sensibilidade em valorizar o outro e a vida torna-se verdadeira. Esses sentimentos e pensamentos tornam-se parte de suas vidas. O passado longínquo é repetido no livro com diversas interpretações. Uma delas, é quando o autor fala sobre o hábito de estar na guerra e como essa vida já se tornou a única que eles têm: “Na verdade, habituamo-nos, esses lugares e nós, a estar juntos. Tantas vezes transplantados, nós nos implantamos aqui, e realmente não pensamos mais na partida, esmo quando falamos isso.”<sup>105</sup>

Falando sobre as questões burocráticas, Barbusse conta em um capítulo a decepção do soldado Volpatte, que saiu das trincheiras com a licença-doença e viu um outro lado da guerra, maior do que poderia imaginar. Enquanto são os civis que vão para o front, os oficiais mantêm suas vidas confortáveis, sem racionar comida, cigarro, tomando banho todos os dias e vestindo seus trajes elegantes.

Tem os escritórios! – acrescentou Volpatte, mergulhado em sua narrativa de viagem. – Tem casas inteiras, ruas, quarteirões. Vi que meu pequeno canto na retaguarda era só um ponto e tive a visão de tudo. Não, não podia acreditar que, durante a guerra, tinha tantos homens sentados em cadeiras...<sup>106</sup>

Ainda há os homens que conseguem livrar-se do front e ficam nos estabelecimentos burocráticos livres do perigo. Os soldados sabem que criar estratégias e administrar a parte operacional da guerra não são tarefas fáceis, mas isso não diminui o fato de acharem injusto o status que esses homens ganharão ao término da guerra, como sobreviventes, sem jamais terem participado de uma batalha. Sobretudo, quando possuem as condições físicas necessárias e são tão civis quanto eles próprios.

Ele fazia de tudo para não ter que arriscar a pele. Como um cara que ganhou cem pratas honestamente trabalhando e se aborrece por ter que fabricar uma nota falsa de cinquenta. Mas é isso: ele vai livrar a pele, esse aí. No front, será levado pelo fluxo, mas ele não é tão estúpido. Está se lixando para quem tem a cabeça para fora da terra e se lixa ainda mais quando eles estão por baixo. Quando todos terminarem de lutar, ele voltará para a casa. Dirá para seus amigos e conhecidos: “Estou aqui são e salvo” e seus companheiros ficarão contentes, porque ele é um cara legal, com seus modos, todo indecente que é.<sup>107</sup>

---

<sup>105</sup> BARBUSSE, Henri. O Fogo: diário de um pelotão. Tradução Lívia Bueloni Gonçalves. São Paulo: Madalena, 2015. 404 p. (Coleção Linha do Tempo). Tradução de: Le Feu. Pag. 126

<sup>106</sup> BARBUSSE, Henri. O Fogo: diário de um pelotão. Tradução Lívia Bueloni Gonçalves. São Paulo: Madalena, 2015. 404 p. (Coleção Linha do Tempo). Tradução de: Le Feu. Pag. 154

<sup>107</sup> BARBUSSE, Henri. O Fogo: diário de um pelotão. Tradução Lívia Bueloni Gonçalves. São Paulo: Madalena, 2015. 404 p. (Coleção Linha do Tempo). Tradução de: Le Feu. Pag. 154

Nesses setores da guerra, longe das trincheiras, os homens reclamavam de coisas aparentemente “pequenas”. A dimensão dos problemas que cada um tem de enfrentar é bastante significativa. Volpatte comentou sobre isso durante uma discussão sobre o mundo da guerra, e os soldados se solidarizaram com sua revolta, sabendo que nada superava a angústia de pensar sobre seus destinos.

E então ele não foi mais capaz, o pobrezinho, de ficar até tarde vigiando no posto e cortar arames. Ele precisa ficar tranquilamente no calor. E depois, ele, parisiense, vir para o campo, se enterrar na vida das trincheiras; Nunca na vida! “Eu”, dizia um cara, “tengo trinta e sete anos – cheguei na idade de me cuidar!” E enquanto esse indivíduo falava isso, eu pensava em Dumont, o guarda de caça, que tinha quarenta e dois e que foi esfaqueado na minha frente na colina 132, tão perto que, depois que as balas entraram na sua cabeça, meu corpo se mexia com o temor do corpo dele.<sup>108</sup>

Existem alguns pontos a serem examinados nesse trecho: O status social poderia ser um fator favorável para decidir quem iria ou não para a batalha. Além disso, Barbusse<sup>109</sup> explica que havia no regimento homens de todas as idades, ou seja, ser velho ou novo não era condição para a triagem de soldados, mas existia, sim, uma classificação etária. O exército da ativa era formado por soldados entre 21 e 23 anos; o exército de reserva entre 24 e 33 anos; o territorial entre 40 e 45 anos, e depois até 49 anos. Os mais velhos, *territoriaux*<sup>110</sup> eram classificados para funções da retarguarda, mas conforme a guerra foi passando, acabaram tendo um papel importante nela. Percebemos, no parágrafo do livro anteriormente citado, a complexidade social. Enquanto pessoas comuns da sociedade francesa foram destinadas aos campos de batalha, a classe dominante não estava disposta a ir, e participaram da guerra como podiam.

Ainda na discussão dos que não foram para a guerra, há um trecho do livro em que Barbusse conta sobre o turismo nas trincheiras. Este, não feito apenas por pessoas comuns, mas também jornalistas. A informação para os jornais de como é a falsa vida ilustrada dos soldados, mostrada pelos oficiais, é uma preocupação da geração dos escritores de guerra. Não era nada daquilo que as pessoas “compravam como verdade”. Ademais, a exposição desses homens como se estivessem em um zoológico, para serem observados e admirados era uma situação indigesta.

---

<sup>108</sup> BARBUSSE, Henri. O Fogo: diário de um pelotão. Tradução Lívia Bueloni Gonçalves. São Paulo: Madalena, 2015. 404 p. (Coleção Linha do Tempo). Tradução de: Le Feu, pag. 162

<sup>109</sup> IBID Pag. 47

<sup>110</sup> Integrantes de 34 a 49 anos, considerados velhos e com menos treinamento para se juntar ao regimento ativo ou de reserva.

Entrementes, produz-se um tumulto à nossa direita e subitamente vemos surgir um grupo sonoro e em movimento no qual as formas escuras se misturam às formas coloridas.

- O que é isso?

Biquet se aventurou para fazer o reconhecimento: ele volta e aponta com o polegar por cima do ombro a massa variada:

-Ei! O povo; venham ver isso. Pessoas.

-Pessoas?

-Sim, senhores. Civis com oficiais de estado-maior.

-Civis! Contanto que aguentem!\*

É a frase sacramental. Ela faz rir, ainda que a tenhamos ouvido cem vezes, certa ou errada, o soldado distorce seu sentido original e a considera um chamado irônico à sua vida de privações e perigos. (...)

(...) São turistas das trincheiras - Diz Barque à meia-voz.

Depois, mais alto: “ Por aqui, damas e cavalheiros”, dirigindo-se a eles. (...)

(...) Do grupo, cabeças se viram para nós. (...)

Ah! Ah! – diz o primeiro senhor – Vejam os poilus... São verdadeiros poilus, realmente!

Ele se aproxima um pouco do nosso grupo, timidamente, como se estivesse no jardim zoológico, e estende a mão para aquele que está mais perto dele, não em embaraço, como e mostrasse um pedaço de pão a um elefante.

- Olha lá, eles bebem café- ele nota.

-Chamam o café de “suco” – retifica o tagarela.

-Está bom, meus amigos?

O soldado, também intimidado por esse encontro estranho e exótico, resmunga, ri e fica vermelho, e o senhor diz “Re! Re!

Depois ele faz um pequeno gesto com a cabeça e se afasta recuando.

- Muito bem, muito bem, meus amigos. Vocês são corajosos!

(...)

Ouvimos um oficial dizer: “Ainda temos muito pra ver, senhores jornalistas”.

Quando o brilhante conjunto se apagou, nós nos olhamos. Os que estavam eclipsados nos buracos reaparecem gradualmente no alto. Os homens se recuperam e levantam os ombros.

- São jornalistas- Diz Tirette.<sup>111</sup>

Os soldados se indignam com esse falso retrato de suas vidas na guerra. Muitos não se sentem bem ao serem vistos como heróis corajosos e como toda essa situação avassaladora é naturalizada; como se tivessem escolha. A ironia entre eles da forma que essas pessoas decidem vê-los, negligenciando o real estado em que se encontram está nesta passagem do livro:

Barque faz uma voz em falsete e recita fingindo ter um papel diante do nariz:

-O príncipe está louco, após ter sido morto no começo da campanha e, enquanto isso, em todas as doenças que quisermos. Guilherme vai morrer essa noite e morrerá de novo amanhã. Os alemães não têm mais munição, mastigam madeiras; não aguentam, segundo os mais autorizados cálculos, mais que até o fim de semana. Nós os teremos quando quisermos com arma no coldre. Se ainda esperamos alguns dias, é porque não temos vontade de abandonar a vida das trincheiras; estamos muito bem aqui, com água, gás, duchas em todos os andares. O único inconveniente é que está um pouco quente este inverno...Quanto aos austríacos, há muito tempo não aguentam mais, eles fingem...” É assim há quinze meses, e o diretor diz aos seus escreventes ‘Ei, vocês, vamos com isso, encontrem uma forma de depurar para mim

---

<sup>111</sup>BARBUSSE, Henri. O Fogo: diário de um pelotão. Tradução Lívia Bueloni Gonçalves. São Paulo: Madalena, 2015. 404 p. (Coleção Linha do Tempo). Tradução de: Le Feu. pag 66

em cinco segundos e discorrer ao longo dessas quatro folhas brancas sagradas que temos que sujar.<sup>112</sup>

Os conflitos internos também são presentes na vida desses homens. Não rondam apenas pensamentos sobre a própria morte. A insegurança e a incerteza do que vão encontrar, caso sobrevivam à guerra, existe. Isto porque a vida fora da guerra continua, mas os soldados sentem-se distantes de tudo isso. Poterloo, um soldado do pelotão de Henri Barbusse vive essa angústia de forma intensa. O soldado conta que com a ajuda de um alemão, conseguiu ver sua esposa e filha pela janela. De fato, Poterloo conseguiu ver como elas estavam, mas a situação que presenciou não foi tão agradável.

Como estavam em uma cidade francesa sob domínio alemão, os soldados germânicos hospedavam-se nas casas. Assumindo o risco e seguindo as regras que o *boche*<sup>113</sup> determinou, o francês foi ver discretamente sua mulher, Clotilde. Mas ao chegar lá, encontrou-a com os alemães, à vontade e sorrindo. Para confirmar o que via, Poterloo passou pela janela mais uma vez, e observou que o seu sorriso não era forçado, mas verdadeiro. Viu também sua filha sua filha estendendo a mão para outro alemão. As mulheres estavam realmente bem na sua ausência, e a constatação deste fato era um sintoma da desilusão.

Ah! Meu velho, eu saí dali e trombei com nos camaradas que esperavam me levar. Como voltei não saberia dizer. Eu estava atordoado. Andei tropeçando como um maldito. Nem precisava me aborrecer muito naquele momento! Eu teria gritado bem alto; teria feito um escândalo para me matarem e pra que terminasse essa vida imunda!<sup>114</sup>

Os contratempos da aventura também conduzem aos paradoxos. A esperança é um sentimento presente na guerra, na qual os soldados se agarram a fim de que isso tudo acabe um dia. Junto, há a vontade de reconstrução. Poterloo comenta sobre uma mulher viúva há dezoito meses cujo marido foi seu companheiro de guerra. O soldado a viu com um alemão, e a mulher estava verdadeiramente feliz. A sua irritação em vê-la vivendo com alegria, mais tarde transforma-se em um lamentável sentimento de compreensão. E a palavra reconstrução vem justamente após a reflexão sobre essa mulher, chamada Madeleine Vandaert. Poterloo diz a Barbusse que as pessoas são forçadas a esquecer. Ninguém as obriga, nem as próprias fazem isso, mas o esquecimento existe. Com o tempo, as pessoas não são mais as mesmas. E

---

<sup>112</sup>BARBUSSE, Henri. O Fogo: diário de um pelotão. Tradução Lívia Bueloni Gonçalves. São Paulo: Madalena, 2015. 404 p. (Coleção Linha do Tempo). Tradução de: Le Feu, pag. 68

<sup>113</sup> Boche: Expressão designada aos soldados alemães pelos franceses.

<sup>114</sup> IBID Pag. 200

por isso, elas vivem, e se reconstróem todo o tempo. A partir dessa conversa, a ideia de reconstrução no pós-guerra nasce. Todos precisarão se reconstruir, tal como as cidades, os países, hábitos, prazeres. A reconstrução existe e é necessária após o luto e o horror.

Viver nas trincheiras é se acostumar com a morte caminhando ao seu lado. Barbusse conta os horrores vividos ao assistir a morte de seus companheiros de maneira desumana e inimaginável. A destruição dada pelos *obuses*, armas potentes como metralhadoras e gases venenosos – trazidos pela Alemanha -, que asfixiavam, inaugurou um novo ritmo de morte em escala industrial. Essas armas, além de destruírem todo o cenário ao seu redor, tinham a nova capacidade de assassinato em massa. Em “Era dos Extremos”, Eric Hobsbawn diz que “as guerras do século XX iriam dar-se numa escala muito mais vasta do que qualquer coisa experimentada antes”<sup>115</sup>. O ódio disseminado a partir desta nova perspectiva era baseado nas novas faces do combate, gerando mortes mais violentas, sangrentas e solitárias. A descrição narrada por Barbusse das formas agressivas como seus companheiros morriam, mostram o sofrimento causado pela Primeira Guerra. Esta passagem da obra é um exemplo: “Quando os vemos, dizemos: “Os quatro estão mortos”. Mas eles estão muito deformados para que pensemos realmente “São eles”. E é preciso desviar-se desses monstros imóveis para experimentar o vazio que eles deixam entre nós e as coisas comuns que foram rompidas”<sup>116</sup>.

Independente dos motivos propulsores da guerra, não há como negar que o evento tenha sido marcado como um começo traumatizante do século XX. Barbusse havia se voluntariado com o ideal de que para atingir a paz, precisava haver a guerra. Mas, ao chegar no *front*, deparou-se com uma realidade desumana. Percebeu homens comuns retardando suas vidas, emergidos na escuridão, torturados pelas inúmeras dificuldades. O olhar crítico do autor francês foi brilhante quando decidiu deixar esses homens entenderem sozinhos o que é a guerra, e o que eles representam dentro dela. Seria insuficiente tentar explicar seus papéis nas trincheiras. A profundidade de refletir tudo o que viveram e se tornaram por causa da guerra é o momento crucial da narrativa, mais ainda, pensar no culpado para a guerra acontecer foi um dos pontos desse debate. Havia os que pensavam que a culpa era do militarismo alemão. Já para outros, a culpada era a guerra e apenas ela. Apesar de ser uma questão com opiniões divididas, a reflexão central foi pensar na ideia de “povo”. Para isso, Barbusse explicou aos homens junto dele que as batalhas se fazem com eles próprios. Os homens são a matéria da

---

<sup>115</sup> HOBBSAWN, Eric. **Era dos Extremos**: O breve século XX - 1914 – 1991. Tradução: Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 632 p. Tradução de: The Age of Extremes, pag. 32.

<sup>116</sup> BARBUSSE, Henri. O Fogo: diário de um pelotão. Tradução Lívia Bueloni Gonçalves. São Paulo: Madalena, 2015. 404 p. (Coleção Linha do Tempo). Tradução de: Le Feu, pag 277.

guerra, e por serem uma multidão, acabam se tornando invisíveis enquanto pessoas. E quando tudo acabar, toda a destruição será deles.

A discussão chegou ao tema “igualdade”. Para os soldados, estava claro que todos os homens deveriam ser tratados como iguais. Barbusse conta que quando a palavra igualdade foi falada “parecia chegar até nós como um socorro”. Enquanto pensavam nessa palavra, o escritor explicou que, diferente das palavras liberdade e fraternidade - também pensadas com importância pelos soldados -, onde liberdade é um conceito relativo diante das sociedades existentes, e que fraternidade é um sentimento inconsistente, pois “não é da natureza humana odiar um desconhecido, tampouco amá-lo”. Igualdade é uma coisa, não apenas um conceito, e comenta sobre de forma elucidativa: “A igualdade (social, porque os indivíduos têm, cada um, mais ou menos valor, mas cada um deve participar da sociedade na mesma medida, e igualdade da de justiça, porque a vida de um ser humano é tão grande quanto a vida de outro), a igualdade, é a grande fórmula dos homens”<sup>117</sup>.

A palavra igualdade soa para esses homens como uma resposta a tudo. Barbusse acende uma chama adormecida, e no meio de tantas falas violadas pela dor, uma se destaca para o autor: “E não haverá, diante do céu, coisas terríveis feitas por trinta milhões de homens que não as querem.”<sup>118</sup>. Barbusse afirma que não existe argumento para se opor a essa constação.

Outra passagem importante do livro é quando Barbusse<sup>119</sup> dá o panorama dos que se interessam pela guerra. Ele diz que existem os interesses financeiros, dos pequenos e grandes negociantes, sendo estes quem vive da guerra e é protegido em seus bancos e suas casas, e por mais que a guerra esteja acontecendo, vivem em paz. Há os admiradores da iluminação produzida pela troca de tiros, que admiram as cores dos uniformes. Barbusse diz que há ainda os deslumbrados, os fracos de espírito, os fetichistas e os selvagens.

Adiante, ele afirma que há os que se enterram ao passado, os tradicionalistas nos quais acreditam que um abuso tem força de lei. Junto de todos eles, há os padres, tentando “excitá-los e anestesiá-los para que nada mude com a morfina de seu paraíso.”<sup>120</sup>

Não o bastante, há os advogados, economistas, historiadores, usando suas teorias e advertindo sobre as raças nacionais que, para Barbusse, nada mais são do que pensamentos que de nada servem, e não são reais, apenas para a garantia de certificados e títulos

---

<sup>117</sup> BARBUSSE, Henri. O Fogo: diário de um pelotão. Tradução Livia Bueloni Gonçalves. São Paulo: Madalena, 2015. 404 p. (Coleção Linha do Tempo). Tradução de: Le Feu, pag 395.

<sup>118</sup> IBID Pag. 396.

<sup>119</sup> IBID Pag. 399

<sup>120</sup> BARBUSSE, Henri. O Fogo: diário de um pelotão. Tradução Livia Bueloni Gonçalves. São Paulo: Madalena, 2015. 404 p. (Coleção Linha do Tempo). Tradução de: Le Feu, pag 400.

imaginários. O autor ressalta a importância das pequenas coisas, e indica que “a visão limitada é a do espírito humano.”<sup>121</sup>

O patriotismo é questionado por Barbusse<sup>122</sup>, quando fala sobre as pessoas que dizem não querer a guerra, mas nutrem a vaidade nacional e simpatizam com a supremacia pela força. Faz parecer que apenas uma nação é provedora de virtudes, e que para isso precisam usar toda a sua grandeza para a destruição. Para o autor, o patriotismo “que é respeitável, com a condição de que fique no domínio sentimental e artístico, exatamente como os sentimentos da família e da província, também sagrados”.<sup>123</sup> A utilização do patriotismo por essas pessoas gera o que há de mais nefasto para os países, a guerra. E esse patriotismo, segundo Barbusse: “(...) termina ou nas crises de guerra ou no esgotamento e na asfíxia da paz desejada.”<sup>124</sup>

Além disso, a moral é desnaturalizada, Barbusse<sup>125</sup> diz que crimes transformam-se em virtudes, a verdade é alterada. Ou seja, o inimigo não é apenas o alemão, mas todos os que se alimentam e engrandecem com a guerra. Barbusse diz para reconhecê-los, e lembrar sempre de quem é o verdadeiro inimigo. Dito isto, o autor narra um diálogo sobre a glorificação da guerra, que, na verdade, não existe para esses soldados. O não-reconhecimento desses homens no papel de heróis é existente. Para eles, são carrascos, e não aceitam o triunfo militar porque mataram alemães. Os soldados dizem que ao final dela, vão tentar mostrar o lado bom da guerra e pagá-los com glória. Para eles, e para os que nada fizeram, como se fosse um prêmio a ser carregado. De fato, para esses homens o que é carregado é o sacrifício por toda a guerra, mas que não é exposto à sociedade. O que será lembrado por esses homens é a culpa, o sofrimento e a impotência do que viveram.

Bem como os franceses, os alemães, seus opositores na guerra, também nutriam o mesmo sentimento dentro desta experiência. Erich Remarque, autor também consagrado na literatura de guerra, em seu livro “Nada de Novo no Front” retrata a nova realidade vivenciada pelos homens: “Perdemos toda a noção de solidariedade; quase não nos reconhecemos, quando, por acaso, a imagem do outro cai sob nosso olhar de fera acossada. Somos mortos insensíveis que, por um feitiço trágico, ainda conseguem correr e matar.”<sup>126</sup>

---

<sup>121</sup> BARBUSSE, Henri. O Fogo: diário de um pelotão. Tradução Livia Bueloni Gonçalves. São Paulo: Madalena, 2015. 404 p. (Coleção Linha do Tempo). Tradução de: Le Feu. Pag. 400

<sup>122</sup> IBID Pag. 400

<sup>123</sup> IBID Pag. 400

<sup>124</sup> IBID Pag 400

<sup>125</sup> IBID Pag 401

<sup>126</sup> REMARQUE, Erich Maria. **Nada de novo no front**. Tradução Helen Rumjanek.

Porto Alegre: L&PM, 2018. 208 p. (Coleção L&PM Clássicos Modernos). Tradução de: Im Westen nichts Neues, pag. 85.

Neste capítulo, esforcei-me para trazer os pontos principais para que possamos compreender a vida de Henri Barbusse na guerra, e como as suas convicções foram desmontadas através de suas experiências compartilhadas com os soldados. A desconstrução de Henri Barbusse ao longo do livro foi importante para que possamos entender a vida do autor na França do pós-guerra, em que visitou diversas vezes a União Soviética com participação forte no movimento comunista europeu da década de 1920 e 1930 e sua relação com o comunismo e o secretário-geral Joseph Stalin.

#### 4. BARBUSSE E A BIOGRAFIA DE STALIN

Em 1927, no décimo aniversário da Revolução de Outubro, a tensão na União Soviética entre Stalin e os opositoristas aumentava. Foi neste período que Stalin proibiu as manifestações da oposição, e Trotski e Grigory Zinoviev foram expulsos da festa. Foi também nesse ano que Barbusse visitou a União Soviética pela primeira vez.

Sobanet<sup>127</sup> conta que Henri Barbusse foi à URSS como convidado e representante do PCF para comemorar o décimo aniversário da Revolução. O autor mostra que Barbusse foi recepcionado com boas-vindas, estações de trem lotadas, cartazes, faixas, músicas e animados discursos. Em um evento oficial em sua homenagem, recebeu elogios como “o mais eminente romancista contemporâneo” e um “líder revolucionário”. Sobanet ressalva que os discursos feitos por Barbusse durante a viagem o indicam como um “amigo da URSS”, que pode ser confiável para propagar a União Soviética, criticar o nacionalismo francês e o imperialismo ocidental.

Sobanet<sup>128</sup> retrata a viagem de Barbusse com visitas cerimoniais, passeios, desfiles, discursos e uma ida à ópera de Bolshoi. Porém, Henri Barbusse também tinha negócios importantes na sua agenda, pois havia viajado para o país com a finalidade de pesquisar, arrecadar fundos para a *Monde*, dentre outros propósitos. Sobanet<sup>129</sup> conta sobre um relato confiável onde mostra que Barbusse não prestou muita atenção às características da vida soviética que expunham pontos prejudiciais da Revolução. Isto porque, logo após sua chegada em Moscou, Barbusse reuniu-se com Victor Serge, membro da oposição esquerda trotskista e colaborador da *Clarté* (posteriormente tornou-se vítima da repressão política soviética). Neste encontro, Serge apresentou sua tentativa de afrontar Barbusse sobre a repressão de Stalin. Sobanet<sup>130</sup> afirma que Serge era bastante cuidadoso ao comentar sobre seus contemporâneos, e escreveu que Barbusse simulou uma dor de cabeça e justificou não conseguir ouvi-lo corretamente. Ainda, em vez de discutir sobre essas questões de maneira contundente, preferiu acovardar-se e responder genericamente sobre os destinos trágicos das revoluções.

---

<sup>127</sup> SOBANET, Andrew. *Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018, pag. 56.

<sup>128</sup> IBID Pag. 56

<sup>129</sup> SOBANET, Andrew. *Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018, pag. 56.

<sup>130</sup> IBID Pag. 56

Sobanet conta que Serge observou com desânimo e raiva a patética cena: “A própria hipocrisia estava diante de mim”<sup>131</sup>.

Apesar desse episódio, Sobanet<sup>132</sup> diz que para Barbusse, a viagem havia sido um sucesso em diversos setores; conseguiu reunir documentos para o seu livro sobre a região da Transcaucásia<sup>133</sup>, chamado “O que eles fizeram na Geórgia”<sup>134</sup>; *Monde* ganhou mais apoio oficial, além de ter assinado um contrato para a publicação de seu trabalho na URSS, e consolidou sua posição internacional entre escritores e intelectuais no campo soviético. Além de tudo, Barbusse conheceu Joseph Stalin. Sobanet<sup>135</sup> comenta que segundo sua secretária de longa data e companheira de viagens, Anette Vidal, Barbusse estreitou relações com Stalin após este encontro com duração de duas horas e meia. A relação dos dois parecia ser realmente amigável; Vidal confirmou que ao longo dos anos, sempre que Barbusse viajava para a URSS, encontrava-se com Stalin, além de continuarem se correspondendo na década de 1920 e início da década de 1930.

Segundo Sobanet<sup>136</sup> durante uma entrevista em outubro de 1932, Stalin e Barbusse conversaram sobre o apoio a iniciativas a favor da URSS, inclusive o movimento chamado “Amsterdã”, mais tarde conhecido como “Amsterdã-Pleyel”. O texto relator desta entrevista diz que ambos demonstraram admiração mútua. Além disso, diz o texto que Barbusse ficou extremamente impressionado com o Stalin e o seu respeito é visível nas suas correspondências posteriores. Assim que Barbusse recebeu os fundos de inscrição dos trabalhadores soviéticos prometidos por Stalin em apoio ao movimento Amsterdã, Barbusse escreveu uma carta respeitosa em agradecimento. Ela dizia: “Agradeço-lhe de todo o coração, querido e grande companheiro, a admirável acolhida que recebi [em Moscou] e que é tão gloriosa para mim. É difícil permanecer digno disso, mas vou trabalhar duro para fazê-lo”.<sup>137</sup>

---

<sup>131</sup> “Hypocrisy itself was before me.” SOBANET, Andrew. *Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018, pag. 56.

<sup>132</sup> SOBANET, Andrew. *Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018, pag. 57.

<sup>133</sup> República Soviética conquistada pelo Exército Vermelho; Em 1922, foram reagrupadas numa união de Repúblicas e reorganizadas em uma República Socialista Federativa Soviética Transcaucasiana em dezembro deste mesmo ano.

<sup>134</sup> BARBUSSE, Henri. *Voici ce qu'on a fait de la Géorgie*. Paris: Flammarion, 1929.

<sup>135</sup> SOBANET, Andrew. *Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018, pag. 57.

<sup>136</sup> IBID Pag.57

<sup>137</sup> IBID Pag. 57

O resultado desta relação próxima foi a primeira biografia oficial de Stalin escrita por Barbusse. Segundo Anette Vidal<sup>138</sup>, foi Barbusse quem propôs uma biografia de Stalin em 1933. A secretária escreve que ao ouvir a ideia, Stalin riu, aproximou-se de seu funcionário Lazar Kaganovitch e disse: “Há o homem que poderá lhe dar tudo o que você pedir a ele”.<sup>139</sup>

Em contrapartida, existem relatos opostos anunciados por historiadores soviéticos e documentos de arquivo. A outra versão diz que a produção de uma biografia oficial de Stalin foi um trabalho difícil no qual levou muitos anos. Sobanet<sup>140</sup> conta que Roy Medvedev alegou a demora devido em parte à busca de Stalin para encontrar um escritor respeitável para este fim. Ele diz o seguinte: "No início dos anos 1930, Stalin começou por métodos indiretos para buscar algum escritor proeminente do dia para fazer uma biografia dele. Discussões com Gorky, Lion Feuchtwanger e Andre Gide foram realizadas no final, o conhecido escritor comunista francês Henri Barbusse concordou"<sup>141</sup>. Dentre outros relatos, Sobanet<sup>142</sup> detalha que Sarah Davies e James Harris escrevem que no começo dos anos 1930, Stalin parece ter reprimido alguns ensaios primários de escrever sua biografia.

De qualquer forma, há diversas suposições de como realmente foi o trajeto até que, finalmente, fosse concedida a aprovação de Stalin para a produção de sua biografia. O departamento de cultura e propaganda do Comitê Central, deu o veredicto e considerou Barbusse confiável e recomendado em dezembro de 1932 para ser o escritor da biografia. O material de base foi providenciado pelo Comitê Central do Partido Comunista, além do secretariado de Stalin, e por especialistas do Instituto de Marxismo-Leninismo de Moscou. Sobanet<sup>143</sup> diz que o influente representante da Terceira Internacional, Willi Miinzenberg serviu como mediador. Barbusse até escreveu uma carta para o represnetante mostrando seu interesse no trabalho. Ele elucida: “Ficarei muito feliz em dedicar todos os meus esforços para

---

<sup>138</sup> Esta informação foi referida na obra SOBANET, Andrew. *Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018, pag. 58.

<sup>139</sup> There is the man who will be able to give you everything you ask of him." SOBANET, Andrew. *Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018, pag. 58

<sup>140</sup> IBID Pag. 58

<sup>141</sup> "In the early 1930s, Stalin began by roundabout methods to seek some prominent writer of the day to do a biography of him. Discussions with Gorky, Lion Feuchtwanger, and Andre Gide were held in the end, the well-known French Communist writer Henri Barbusse agreed." Esta referência encontra-se na obra SOBANET, Andrew. *Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018, pag. 58.

<sup>142</sup> IBID Pag. 58.

<sup>143</sup> IBID Pag. 58.

retratar essa grande figura, cujo papel atual é tão gigantesco e que encarna ... todo o entusiasmo construtivista da Revolução em todo o território da União”<sup>144</sup>

Barbusse então, solicitou ao Miinzenberg documentos de seus camaradas soviéticos e sobre as atividades políticas de Stalin. De fato, Barbusse recebeu os documentos em abril de 1934, mas a maioria deles escolhidos ou até mesmo escritos por Stalin (incluía seus livros e relatórios dos congressos do partido).

Sobanet<sup>145</sup> revela que o esboço do livro foi vistoriado por Aleksei Stetskii, chefe do departamento da cultura e propaganda do Comitê Central. Ele escreveu a Barbusse que apesar de estar satisfeito com o manuscrito, havia algumas ressalvas quanto à representação de Stalin. Sua carta a Barbusse diz o seguinte:

Eu não acredito que o livro preste atenção suficiente à imagem de Stalin como pessoa; nenhuma menção é feita de seu estilo de trabalho ou linguagem, seus laços multifacetados com as massas ou o amor universal que o rodeia. Embora você não precise de elogios, gostaria de dizer que é o trabalho de um talento tão poderoso como o seu apresentar uma imagem magnífica de Stalin<sup>146</sup>

Barbusse compreendeu o recado de Stetskii e algumas semanas depois, relatou sobre a parada militar da vigésima nona comemoração da Revolução de Outubro. O texto foi publicado em *L'Humanité*, e foi de tirar o fôlego. Sua repetição ao falar sobre o amor poderoso dos povos soviéticos a Stalin surtiu efeito. Sobanet ressalta que a versão final da biografia fez jus à apelação para que o conteúdo da obra fosse a mais lisonjeira e apelativa possível.

As providências tomadas para consentir a biografia de Stalin estava diretamente ligada ao planejamento de culto à imagem do Stalin nos meios de comunicação já em meados de 1933 na União Soviética. A expansão do projeto se deu inclusive na França, onde o culto a Stalin, que ocorreu no final de 1934 e início de 1935 manifestou-se em *L'Humanité*, *Clarté* e *Les Cahiers du Bolchevisme*.

---

<sup>144</sup> "I will be very happy to devote all of my efforts to depicting this great figure, whose current role is so gigantic and who incarnates ... all of the constructivist enthusiasm of the Revolution in all the territory of the Union." SOBANET, Andrew. *Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018, pag. 58.

<sup>145</sup> SOBANET, Andrew. *Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018, pag. 59.

<sup>146</sup> "I do not believe the book pays sufficient attention to Stalin's image as a person; no mention is made of his working style or language, his multifaceted ties to the masses or the universal love that surrounds him. Though you need neither my compliments nor my praise, I would like to tell you that it is the job for such a powerful talent as yours to present a magnificent image of Stalin." - Andrew. *Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018, pag. 59.

Barbusse cumpriu uma função importante no trabalho inicial do culto a Stalin na França. Sobanet<sup>147</sup> conta que o escritor produziu um artigo lisonjeiro de duas páginas para *Monde*, recheado de fotos, inclusive com uma que dizia ser a sala onde Stalin nasceu. O artigo foi emblemático, assim como a importância de Barbusse, já que o texto intitulado “Stalin” foi traduzido para o russo e guardado em um arquivo soviético. Ao comparar a forma de seu artigo sobre a União Soviética, Sobanet<sup>148</sup> evidencia pontos importantes: O artigo tinha caráter de anúncio da biografia que estava próxima de ser publicada, apresentando claras diferenças de seu trabalho de meados da década de 1920, que evidenciava a Revolução, a URSS como um todo e Lênin. Já em 1934, o discurso interligava os fundamentos franceses com os russos, e questões como a URSS, seu povo e aspirações eram essencialmente o reflexo de Stalin. Inclusive, o artigo de Barbusse combinava com os artigos em homenagem ao aniversário de cinquenta e cinco anos de Stalin, publicados no *L’Humanité*, que dedicou uma página inteira para a comemoração, além de artigos na edição de janeiro de 1935 de *Les Chaiers du Bolchevisme*<sup>149</sup>. Sobanet<sup>150</sup> ressalva que os textos divulgaram os temas nos quais se tornariam essenciais ao culto de Stalin na França, sendo reproduzidos por anos através da mídia do PCF e frequentemente atualizados para surtirem efeito nos eventos mundiais. A imagem de Stalin seria descrita como o seguidor mais fiel de Lênin, um líder modesto, mas incontestável, das massas populares (russas e internacionais), defensor da industrialização e da estatização agrícola; além de um virtuoso militar e pensador marxista.

A biografia feita por Barbusse, intitulada “Stalin: Um Novo Mundo Visto Através de um Homem”<sup>151</sup> mostrava, portanto, uma visão estendida da visão alegórica de Stalin e por isso deveria ser pensada como parte da manifestação inicial do culto a Stalin no final de 1934 e 1935. A biografia de Barbusse foi publicada por *Flammarion* na França em março de 1935. Na União Soviética, a biografia apareceu em formato de série no periódico soviético *Roman-Gazeta*, com grande circulação no país, e em formato de livro foi publicado em 1936.

---

<sup>147</sup> SOBANET, Andrew. *Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018, pag. 60.

<sup>148</sup> SOBANET, Andrew. *Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018, pag. 60.

<sup>149</sup> Esta referência encontra-se na obra SOBANET, Andrew. *Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018, pag. 60.

<sup>150</sup> IBID Pag. 60

<sup>151</sup> “Stalin: A New World Seen through One Man”. Translated by Vyvyan Holland. New York: MacMillan. 1935. Esta obra está mencionada no livro SOBANET, Andrew. *Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018.

Sobanet<sup>152</sup> relata que Barbusse publicou dois livros antes da biografia de Stalin na França, sendo o já mencionado anteriormente “O que eles fizeram com a Geórgia” em 1929, e “A nova Rússia”, 1930. Ambos os livros tinham como objetivo registrar os fenômenos socioculturais, tanto antigamente quanto pós-revolução. Sobanet<sup>153</sup> explica com seu comentário relevante que esses textos antecipam o tratamento dado a URSS na biografia de Stalin, e mais, representam os passos da evolução de Barbusse como propagandista da URSS e seus líderes. Por exemplo, no livro Geórgia, Barbusse descreve a transformação de Transcaucásia, composta pela Geórgia, Armênia e o Azerbaijão. Após a ocupação soviética, Barbusse comenta que, com a queda do czar, a região experimentou a liberdade política, o renascimento agrícola e industrial e um crescimento na construção urbana.

A mensagem do livro era justamente a de que a URSS enfrentou um mundo hostil e superou as dificuldades, e com isso, agora representa um futuro esperançoso para toda a humanidade. Por causa do livro focar na região e no povo da Transcaucásia, e da sua data de publicação ser 1929, antes do lançamento do culto a Stalin, o secretário-geral raramente é mencionado no livro, inclusive, Lênin é muito mais comentado. Porém, quando Barbusse descreveu seu encontro com Stalin em Moscou no livro de Geórgia, Barbusse teve a cautela e respeito ao descrevê-lo como um líder decisivo e extremamente capaz. Já em “A nova Rússia”, o livro é um compilado de artigos de Barbusse publicados em *Monde e L’Humanité*, e os artigos seguem as mesmas características do outro livro, descrevendo a União Soviética em proporções notáveis, onde tudo é feito em larga escala, mesmo com as dificuldades e desafios ao longo de sua existência, além da devoção de Barbusse ao Estado. Sobanet<sup>154</sup> comenta: “O texto mostra claramente a paixão de Barbusse pelo novo Estado soviético, e seu elogio ao país é tão hiperbólico que, em antecipação à crítica, ele sustenta que sua objetividade é total e que ele não obedece a nenhum "mandamento comunista" ao descrever esta Utopia nascente.”<sup>155</sup>

---

<sup>152</sup> Andrew. *Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018, pag. 61. As obras referidas são “*Void ce qu'on a fait de la Georgie*”, 1929 e “*Russie*”, 1930,

<sup>153</sup> IBID Pag. 61

<sup>154</sup> SOBANET, Andrew. *Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018, pag. 61

<sup>155</sup> “The text clearly displays Barbusse's infatuation with the new Soviet state, and his praise for the country is so hyperbolic that, in anticipation of criticism, he maintains that his objectivity is total and that he obeys no "Communist commandment" in depicting this budding Utopia.” SOBANET, Andrew. *Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018, pag. 61

Sobanet<sup>156</sup> comenta sobre um fato importante nesses livros de Barbusse. O escritor diz que não lucra com a sua ideologia e que os escritores pró-soviéticos frequentemente se negavam a receber qualquer dinheiro pela causa. Esta afirmação é contraditória, já que existem sintomas bem evidentes de que este era um trabalho propagandístico. A continuidade da divisão do mundo em dois extremos continua sendo trabalhada por Barbusse. O pensamento existente nos livros de que a Rússia é o exemplo definitivo da igualdade humana é absoluta. As representações são do Ocidente como a decadência, sendo uma sociedade dominada pela composição de um banqueiro, um general e um padre. Sobanet<sup>157</sup> diz que a maior diferença entre as obras “A Nova Rússia” e a biografia de Stalin é a de que esta tem como característica do herói principal, em grande parte do tempo, a ausência. Porém, Stalin controla Rússia com a mão invisível. Portanto, se características do culto à personalidade de Stalin não aparecem, as políticas de Stalin resplandecem. Sabemos disso por causa das políticas urgentes instauradas no Estado soviético, bem como: o primeiro Plano Quinquenal, a estatização agrícola, e o seu modelo construtivista. E, juntamente com o PCF em torno da União Soviética, Barbusse apresenta a União Soviética como a marca da modernidade.

A falta de enaltecimento a Stalin na obra “A Nova Rússia” foi compensada na sua biografia. Sobanet analisa o título “Stalin: Um Novo Mundo Visto Através de um Homem” e diz:

“(…) dá ao leitor uma noção clara do objetivo de Barbusse ao compor o texto: contar a história de um novo ordem mundial, com Stalin no seu centro. O título também se encaixa em um sentido irônico: Barbusse retrata uma versão "oficial" do mundo vista pelos olhos de Stalin.”<sup>158</sup>

Sobanet<sup>159</sup> analisa a biografia, e diz que o texto está cheio de fatos, - e também de ficção em forma de fatos - sobre a obra de Stalin e os assuntos que orbitam à sua volta; como a sua vida pessoal, suas realizações antes e depois da Revolução. Várias páginas concentram-se nos quarenta anos da história russa, enfatizando a Revolução, além da luta bolchevique para consolidar o poder nos anos consecutivos da Revolução, nas mudanças drásticas sociopolíticas e culturais produzidas, tanto por Lênin quanto por Stalin; retrata também Stalin das décadas de 1920 e 1930, e, enfatiza sobretudo, a imagem de Stalin como um novo

---

<sup>156</sup> IBID Pag. 61

<sup>157</sup> IBID Pag. 63

<sup>158</sup> “(…) gives the reader a clear sense of Barbusse's goal in composing the text: to tell the story of a new world order, with Stalin at its center. The title is fitting in an ironic sense as well: Barbusse depicts an "official" version of the world as seen through Stalin's eyes.” SOBANET, Andrew. *Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018, pag. 63.

<sup>159</sup> IBID Pag. 63

salvador para a classe operária no mundo. Há um trecho de Sobanet que esclarece a essência da biografia:

Muitas dessas técnicas podem ser encontradas em qualquer narrativa pretendendo ser um trabalho de não-ficção que assume uma posição de advocacia específica: um contrato entre texto e leitor que enfatiza a veracidade da narrativa, uma ordenação de eventos calculada para enfatizar a importância do assunto e omissões de informações factuais desfavoráveis ao assunto. Outras técnicas são compartilhadas por obras de propaganda, stalinistas e outras: a inclusão de informações falsas e altamente questionáveis que são favoráveis ao assunto; o equilíbrio cuidadoso da verdade e da ficção, de tal modo que frequentemente há algum elemento de credibilidade no que é relatado; o uso de linguagem polarizada (hipérbole, superlativos, absolutos); uma dependência de slogans; uma abundância de repetição; a demonização dos inimigos; e a inclusão de detalhes que buscam inflamar as emoções do leitor.<sup>160</sup>

Barbusse trabalha a imagem de Stalin criteriosamente. Isto porque precisava retratá-lo como um cidadão soviético comum, e ao mesmo tempo como um ser humano excepcional, com a capacidade necessária para lidar com a revolução mundial. Vender a imagem sobre-humana é importante para o culto à personalidade. Existe, entretanto, uma observação dada por Sobanet<sup>161</sup> no discurso em 1956 de Nikita Khrushchev, secretário geral do partido comunista, que destruiu o culto à personalidade de Stalin, ao dizer que era inadmissível e estranho ao espírito Marxismo-Leninismo transformar uma pessoa em um super-homem, destacando características sobrenaturais como se fosse um deus.

Fica cada vez mais evidente se comparar o pensamento de Nikita Khrushchev ao texto em culto a Stalin, que a biografia era, de fato, um elemento propagandístico, e Barbusse ao acatar esta forma de escrita, torna-se de, fato, um propagandista.

Em 7 de novembro de 1934, Barbusse assistiu ao espetáculo soviético no topo do mausoléu de Lênin na Praça Vermelha ao lado de Stalin e membros do Estado. O escritor presenciou cerca de 1,75 milhões de cidadãos desfilando junto a regimentos de infantaria, tanques, aviões; celebrando os dezessete anos da Revolução Russa. O impacto causado em Barbusse fez com que o escritor registrasse esse inesquecível momento na biografia de Stalin, apresentando a obra através da descrição deste evento já nas primeiras páginas.

---

<sup>160</sup>“ Many of those techniques can be found in any narrative purporting to be a work of nonfiction that takes on a particular advocacy position: a contract between text and reader that emphasizes the narrative's veracity, an ordering of events calculated to emphasize the subject's importance, and omissions of factual information unfavorable to the subject. Other techniques are shared by works of propaganda, Stalinist and otherwise: the inclusion of false and highly questionable information that is favorable to the subject; the careful balance of truth and fiction, such that there is often some element of credibility to what is recounted; the use of polarized language (hyperbole, superlatives, absolutes); a reliance on slogans; an abundance of repetition; the demonization of enemies; and the inclusion of details that seek to inflame the emotions of the reader.”  
SOBANET, Andrew. *Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018, pag. 63

<sup>161</sup> SOBANET, Andrew. *Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018, pag. 64

Todo o mundo diverge e converge um grande enxame simétrico, que parece sair da terra e voltar a ela. Uma cerimônia está acontecendo, caleidoscopicamente, através do comprimento e largura da Praça, uma procissão interminável esvoaçantes de lona vermelha e seda vermelha coberta com letras do alfabeto e frases .... Ou então um gigantesco desfile esportivo que, à medida que avança, continua formando diferentes padrões, ou mesmo a enxameação do mais enorme exército do mundo, as pessoas do Exército Vermelho.<sup>162</sup>

O clamor da população soviética a Stalin remete os leitores a perceberem que a figura do líder é onipresente, já que o peso de sua presença é transcendental diante dos cantos apelativos e poderosos que o homenageiam. Porém, para que haja o equilíbrio e a questão igualitária faça sentido no meio de eventos tão imponentes e não dê margem aos críticos do Estado soviético ou para não deixar de transparecer a lealdade de Barbusse a Stalin, o escritor expõe também o seu lado humilde. A humanidade de Stalin descrita por Barbusse mostra sua rejeição aos luxos e comodidades, caracterizando a simplicidade de um homem poderoso.

Sobanet<sup>163</sup> comenta sobre a imagem de Stalin mostrada por Barbusse: apesar do grande e rico espetáculo, Stalin vivia uma vida comum, morando em uma modesta casa de três andares no Kremlin. Barbusse comenta: “Um edifício insignificante, que provavelmente escaparia de sua atenção se não fosse apontado para você ... e isso foi habitado por algum servo do czar”.<sup>164</sup>

Segundo Sobanet<sup>165</sup>, Barbusse diz ainda que a comida e espaço usados por Stalin eram básicos, e que o trabalhador médio capitalista não seria feliz nessas mesmas condições de vida. Além disso, a imagem de Stalin era a de um homem de família, que vivia cercado por seus filhos e ganhava o mesmo salário que seus colegas.

Esses contrapontos são extremamente sensíveis, já que Barbusse precisava medir a imagem de Stalin enquanto um homem simples, para que os leitores não interpretassem Stalin

---

<sup>162</sup> "All around diverges and converges a great symmetrical swarm, which seems to come out of the earth and to return to it. A ceremony is taking place, kaleidoscopically, through the length and breadth of the Square; an interminable fluttering procession of red canvas and red silk covered with letters of the alphabet and phrases.... Or else a gigantic sports parade which, as it advances, keeps forming different patterns. Or even the swarming of the most enormous army in the world, the people of the Red Army." – Esta referência da obra de BARBUSSE, Henri. *Staline: Un monde nouveau vu à travers un homme*. Paris: L'Harmattan, 2006 está contida no livro SOBANET, Andrew. *Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018, pag. 64

<sup>163</sup> SOBANET, Andrew. *Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018, pag. 64

<sup>164</sup> "[An] insignificant edifice, which would probably escape your notice if it were not pointed out to you ... and that was inhabited by some servant of the Tsar." Esta frase é da obra de BARBUSSE, Henri. *Staline: Un monde nouveau vu à travers un homme*. Paris: L'Harmattan, 2006, contida no livro SOBANET, Andrew. *Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018, pag. 64

<sup>165</sup> IBID pag. 65

como um homem desinteressante como sobre-humano, sendo um figura inatingível e utópica. Barbusse precisava vender a imagem de Stalin como o homem contemporâneo mais importante de todos, além de mostrar a importância desta biografia como parte crucial da história russa. Sobanet<sup>166</sup> diz que já no começo do livro, os leitores se deparam com três mitos sobre Stalin; o primeiro é a de que o secretário-geral era amado por todos os cidadãos soviéticos. Esta afirmação é extremamente equivocada quando pensamos na estatização agrícola entre as décadas de 1920 e 1930: aconteceram expulsões massivas das propriedades, tendo como consequência resistência da população camponesa, milhões de pessoas exiladas, e mais milhões de pessoas mortas por causa da fome. Ademais, o terror havia se tornado uma ferramenta imprescindível no governo stalinista, frequentemente exilando e executando pessoas em grande escala. Sobanet<sup>167</sup> diz que o segundo mito em torno de Stalin é a da figura doméstica em sua vida. Barbusse omitiu que seu filho Yakov dormia em um sofá-cama na sala de jantar, além de não comentar sobre a sua segunda esposa já falecida, Nadezhda Alliluyeva. Na verdade, Barbusse deixou de comentar sobre um fato que não passa despercebido, a de que esta mulher cometeu suicídio em 1932, fato que muitos historiadores interpretaram sendo uma atitude de protesto quanto às políticas de Stalin, mas a justificativa mais acessível foi a piora de sua saúde mental. Stalin foi casado pela primeira vez com Ekaterine "Kato" Svanidze, e com ela teve o seu primeiro filho, Yakov, mencionado anteriormente. Sobanet<sup>168</sup> diz que em biografias posteriores sobre Stalin, há relatos de que Stalin exercia as funções de pai e marido negativamente. Sua esposa Kato adoeceu e faleceu em 1907, e seus parentes responsabilizaram Stalin por negligência. Posteriormente, Yakov foi morar com parentes próximos aos quatorze anos, de forma que Stalin tornou-se um pai ausente. Além de Yakov, Stalin teve ao menos dois filhos ilegítimos.

Sobanet<sup>169</sup> mostra que por trás desta face sombria sobre a vida familiar de Stalin, os indícios de que ele viveu uma vida simples enquanto líder da União Soviética é mentira. Na verdade, apesar de viver em uma casa modesta no Kremlin, Stalin era proprietário de uma fazenda grande fora de Moscou. O Kremlin possuía automóveis Rolls-Royce mantidos em uma garagem especial, e em 1935, Stalin ordenou a compra de quarenta mil Cadillacs para os funcionários da polícia secreta. Sobanet mostra que a crença de uma vida humilde é rotineira entre os admiradores de Stalin, e aqueles que levantam evidências de sua vida confortável e

---

<sup>166</sup> IBID Pag 66

<sup>167</sup>SOBANET, Andrew. *Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018, pag. 66.

<sup>168</sup> IBID Pag. 66

<sup>169</sup> IBID Pag. 66

rica são vistos como caluniadores para machar sua digna imagem. Outro ponto interessante é sobre o que Sobanet<sup>170</sup> menciona sobre “modéstia imodesta”, em cima da criação do culto a Stalin. Apesar de Stalin ser aparentemente crítico a este projeto, simultaneamente dava sinais para que isso continuasse.

Outro indício sobre a mitificação de sua imagem é sobre a sua infância. Como as versões editadas de sua vida mostrados por Barbusse como vimos anteriormente, o escritor retrata Stalin, apelidado de Soso, como uma criança perfeitamente normal como um intelectual refinado. Barbusse descreve o pai como um sapateiro, batalhador, de origem muito humilde, e mesmo quase sem educação, era considerado um bom homem. Barbusse diz que seus pais eram extremamente dedicados a Stalin e foi seu pai quem o matriculou na escola em Gori, e posteriormente no seminário de Tiflis, onde foi expulso por ler materiais ilícitos como a ciência e sociologia. A sua atitude demonstra seu futuro revolucionário, mesmo tão jovem e com uma enorme evolução intelectual. Após ter saído do seminário, voltou-se para o mundo do trabalho e tornou-se o “operário das causas dos trabalhadores”.

Porém, a história da infância de Stalin não é bem assim. Sobanet<sup>171</sup> relata que estudos mais recentes chocam-se com os relatos de Barbusse. Sua criação foi bastante conturbada e violenta, e mostram seu desenvolvimento com ferimentos físicos, deformidades e doenças, além de um pai alcoólatra e abusivo, que abandonou Stalin e sua mãe. A mãe, por sua vez, estava disposta a educar seu filho, e o matriculou na Escola da Igreja de Gori, não seu pai, como Barbusse havia dito. No seminário, ele realmente era visto como rebelde, por ler textos contrabandeados, e foi de fato expulso, mas por falta de exames. Quando saiu do seminário, não foi diretamente para o trabalho comum. Na realidade, Stalin foi trabalhar com o pai que não era pobre como disse Barbusse, pois tinha uma sapataria com dez empregados. Sobanet<sup>172</sup> observa que essas evidências colaboram para a construção coerente e encantadora da imagem de Stalin como um trabalhador revolucionário. Essas mentiras fazem parte da representação de uma figura simbólica, que carrega em si as aspirações de um povo inteiro, e o trabalho internacional de sua classe. Além do mais, Barbusse não reconstruiu sua história ingenuamente, já que ela viria na frente como justificativa de grandes questões políticas contidas na biografia. Mais ainda, Barbusse omite as atitudes perversas cometidas por Stalin que estavam longe de serem atribuídas a um monge marxista higieniza e despersonaliza esta

---

<sup>170</sup> IBID pag. 67

<sup>171</sup> SOBANET, Andrew. *Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018, pag. 67.

<sup>172</sup> IBID Pag. 68

imagem do líder para que a esta personalidade fosse legitimada pelos leitores como a verdadeira autenticidade da revolução.

Outro ponto bem elaborado por Sobanet<sup>173</sup> é sobre a minimização da violência, atípica para Barbusse, como é bem sabido, que tem dois objetivos: apelar para o maior número de leitores, e fazer com que haja uma ligação entre o Stalin jovem e o que tornou-se líder revolucionário.

Segundo Sobanet<sup>174</sup>, Barbusse tenta legitimar o governo stalinista utilizando o artifício de ligação entre Lênin e Stalin. Ou seja, a biografia de Stalin, além de desempenhar a responsabilidade da criação de um culto à sua imagem, também o faz para Lênin. Não à toa, Barbusse ao falar sobre a infância de Stalin, simultaneamente comenta sobre a vida Lênin, para conseguir a equiparação, como se além da comparação de suas características, a história dos dois estivesse destinada. Sobanet<sup>175</sup> comenta sobre a existência de um capítulo na biografia intitulada “O Gigante”, exclusivamente dedicado à carreira de Lênin. Há uma afirmação de Barbusse, mais uma vez distorcida, ele diz:

“Nunca houve, em nenhum momento, qualquer diferença de opinião entre Lenin e Stalin”.<sup>176</sup>

Mais uma vez, a afirmação é distoante. Sobanet<sup>177</sup> relata que muitos historiadores argumentam, que, apesar do relacionamento de trabalho muito próximo, e até em suas vidas particulares, Lênin e Stalin tinham uma relação difícil. Prova disso, são os textos conhecidos como “Testamento de Lênin”<sup>178</sup>. Nesses textos, há ditados de Lênin de 1922 e 1923, quando estava doente. Lênin expressava dúvidas quanto a capacidade de Stalin de empregar seu “imenso poder” que tinha como secretário-geral. Também há suposições de que Lênin insinuou aos camaradas a darem um jeito de remover Stalin de sua posição. Apesar disso, esses textos não são provas concretas já que não há nenhum documento que os legitime.

Assim como no começo do livro, a descrição do desfile em comemoração ao décimo sétimo aniversário da Revolução Russa, interligando as duas figuras emblemáticas da revolução, Lênin e Stalin, o final do livro também os interliga.

---

<sup>173</sup> IBID Pag. 69

<sup>174</sup> IBID Pag. 71

<sup>175</sup> SOBANET, Andrew. *Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018, pag. 73.

<sup>176</sup> "Il n'y euté nunca de desacordo entre Lenine et Staline". Frase da obra BARBUSSE, Henri. *Staline: Un monde nouveau vu à travers un homme*. Paris: L'Harmattan, 2006 mencionada no livro SOBANET, Andrew. *Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018, pag.73

<sup>177</sup> IBID Pag. 73

<sup>178</sup> IBID Pag. 73

(...) quando se passa à noite pela Praça Vermelha ... parece que o homem que se encontra no túmulo, no centro de tailandês quadrado nocturno, deserto, é a única pessoa no mundo que não está a dormir, e que vigia tudo à sua volta, nas cidades e nos campos. Ele é o verdadeiro líder - aquele de quem os trabalhadores usavam com riso para dizer que ele era mestre e companheiro ao mesmo tempo; ele é o irmão paterno que está realmente cuidando de todos. Embora você não o conheça. Ele conhece você e está pensando em você. Quem quer que você seja, você precisa desse benfeitor. Quem quer que você seja, a melhor parte do seu destino está nas mãos daquele outro homem que também cuida de você e que trabalha para você - o homem com a mente erudita, o rosto de um trabalhador, e o vestido de soldado particular.<sup>179</sup>

O trecho é, claramente, a cartada final para que se conquiste a simpatia do leitor. Barbusse confugura a onipotência e onisciência dos dois líderes, e mais, a imortalidade de Lênin chega aos feitos de Stalin, e está diretamente ligada à lealdade e fé ao partido. Essa conexão trabalhada exaustivamente por Barbusse é justamente para que o leitor interprete Lênin e Stalin como camaradas e cidadãos soviéticos comuns. Sobanet<sup>180</sup> conclui que apesar da tentativa de Barbusse para equilibrar os dois lados de Stalin, o homem comum e o grandioso, o trabalho de Barbusse tende ao exagero, pela narrativa ter se transformado em um texto basicamente lisonjeiro, e acrítico, dificilmente sendo considerado outra coisa a não ser propaganda.

Após a morte de Barbusse em 30 de agosto de 1935, discussões sobre seu relacionamento com o stalinismo ganham espaço. Sobanet<sup>181</sup> relata, por exemplo, as críticas em defesa de Barbusse do historiador Frank-Field e Phillippe Baudorre (autor da biografia de Barbusse chamada "*Le pourfendeur de la Grande Guerre*")<sup>182</sup>, que interpretam o escritor sendo inimigo da guerra, sem dar tanto espaço para sua versão apoiadora de Stalin. Isto porque a sua carreira foi muito maior do que a produção da biografia de Stalin, e este é o maior motivo para perdoá-lo de seus possíveis erros.

---

<sup>179</sup>“ When one passes at night through the Red Square... it seems as though the man who lies in the tomb, in the center of thai nocturnal, deserted square, is the only person in the world who is not asleep, and who watches over everything around him, in the towns and in the fields. He is the real leader—the one of whom the workers used laughingly to say that he was master and comrade at the same time; he is the paternal brother who is really watching over everyone.” SOBANET, Andrew. *Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018, pag. 73

<sup>180</sup> IBID Pag. 75

<sup>181</sup> SOBANET, Andrew. *Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018, pag. 75

<sup>182</sup> BAUDORRE, Phillippe. *Barbusse: Le pourfendeur de la Grande Guerre* Paris: Flammarion, 1996. Esta biografia encontra-se mencionada na obra SOBANET, Andrew. *Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018, pag. 75

## 5. Conclusão

Após a Primeira Guerra Mundial, Henri Barbusse recebeu importância significativa nos movimentos franceses da esquerda que buscavam transformação social, sendo contra os conceitos convencionais como o nacionalismo, imperialismo e militarismo. Sua crença revolucionária através do comunismo, que defendia a violência como um artefato necessário para alcançar a paz foi controverso no âmbito intelectual. Em contrapartida, Barbusse conquistou reconhecimento político ao incluir a relevância da massa proletária na construção de uma futura revolução. A preocupação de Barbusse em juntar trabalhadores e intelectuais para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária foi uma das suas principais características.

O seu envolvimento com o comunismo foi consequência da sua trajetória de vida. Ao sair das trincheiras com outra perspectiva do que a guerra realmente é e dos interesses obscuros do Estado por trás da batalha, publicou seu livro “O Fogo”, com a intenção de mostrar suas experiências e a realidade dos homens que vão para a guerra. Ao adquirir através de sua obra prestígio como literato, aprofundou-se nas questões sociais e políticas, com o foco principal de alcançar a paz. Desiludido com o sistema político ocidental, definiu que a transformação social aconteceria apenas por meio da revolução. Em sua visão, este sistema em que viviam já era viciado, corrupto e desigual. A melhor solução encontrada por Barbusse, era, de fato, o comunismo. Sendo a União Soviética o único país a consolidar a revolução, o escritor inspirou-se nela ao exportar as ideias marxistas, que fundamentaram a revolução comunista, para outros países, sobretudo, para a França.

Sua participação no Partido Comunista Francês e sua valorização pela Terceira Internacional, foram consequência de sua atividade política nos periódicos franceses, e seu reconhecimento de lealdade à ideologia comunista. Sua literatura revolucionária, focada em conscientizar as camadas populares era justamente a sua forma de contribuir para a realização da revolução comunista.

Apesar de sua vontade e esforços para conseguir atingir a paz, esses meios foram equivocados. A falta de diálogos com movimentos pacifistas, a incompreensão diante de intelectuais críticos aos problemas comunistas e o seu projeto de culto à imagem de Stalin submetido às regras nas quais violavam seu compromisso com a verdade, como foi visto na análise de sua obra “O Fogo”, foram possíveis motivos pelos quais Barbusse levanta questões sobre sua personalidade e real intenção. Não à toa, Barbusse via os intelectuais que não

apoiavam diretamente o comunismo de adversários, e seus discursos eram diretamente para o fortalecimento e crescimento da ideologia comunista.

Porém, mesmo com as divergências causadas pela sua crença no stalinismo, sua relação com a União Soviética é pequena comparada à sua vida política e intelectual na França. A produção intelectual agitada por Barbusse faz parte da história francesa. Barbusse foi uma figura importante que lutou dentro de seus ideais contra o sistema capitalista, a fim de que a igualdade fosse o principal eixo dentro da sociedade. Não há como negar a importância de Barbusse no cenário político francês e soviético, e esta constatação está explícita no relato de Sobanet<sup>183</sup> sobre o funeral do escritor. Barbusse faleceu em Moscou, no dia 30 de agosto de 1935, e houve cobertura de sua doença e morte no *L'Humanité*, além de prepararem em sua morte um memorial grandioso com buquês de flores, bandeiras e louvor a Barbusse, com a presença de intelectuais e funcionários soviéticos, além do comparecimento de uma multidão. Em seguida, o corpo de Barbusse foi levado para Paris, onde também houve um evento significativo, contando com a presença de outra multidão, estimando de cem a trezentas mil pessoas. Essa multidão seguiu o caixão pelas ruas de Paris até o cemitério *Pere-Lachaise*. Além destes grandes eventos, Barbusse foi homenageado também nos periódicos nos quais dedicou-se tanto, como *Les Cahiers du Bolchevisme*, *Monde e Commune*, e a menção e homenagens a Barbusse nesses meios de comunicação continuou após muitos anos, sendo presente em diversos momentos, com republicações de seus escritos de forma visionária para os eventos ocorridos posteriormente à sua morte.

As discussões em torno da representatividade de Barbusse são acirradas. De fato, Barbusse absteu-se dos problemas soviéticos, trabalhando a propaganda de Stalin e da URSS a todo o custo. A biografia de Stalin produzida pelo escritor sem expor a violência existente do governo soviético reforça a ideia do descompromisso de Barbusse com a verdade, muito diferente de sua posição ética ao retratar a guerra e suas convicções em defesa da violência dentro da revolução. Porém, a sua trajetória enquanto escritor e representante de um pensamento revolucionário é considerada por muitos intelectuais como o maior legado do intelectual.

## **Bibliografia:**

BARBUSSE, Henri. **O Fogo**: diário de um pelotão. Tradução Livia Bueloni Gonçalves. São Paulo: Madalena, 2015. 404 p. (Coleção Linha do Tempo). Tradução de: Le Feu.

---

<sup>183</sup> SOBANET, Andrew. *Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018, pag.84.

BARBUSSE, Henri. **Inferno**. Editora Globo, 1988.

DA SILVA, Michel Goulart. **Entre a foice e o compasso**: imprensa, socialismo e maçonaria na trajetória de Everardo Dias na primeira república. 2016. 211 p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2016.

DA SILVA, Michel Goulart. **Socialismo e revolução nas páginas do Clarté**. *Tempos Históricos*, v. 21, n. 2, p. 52-73, 2017.

FISHER, David. *Romain Rolland and the Politics of the Intellectual Engagement*. Routledge, 2017.

HOBSBAWN, Eric. **Era dos Extremos**: O breve século XX - 1914 – 1991. Tradução: Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 632 p. Tradução de: *The Age of Extremes*.

NORMAND, Guessler. *Henri Barbusse and his Monde (1928-35): progeny of the Clarté Movement and the Review Clarté*. *Journal of Contemporary History*, v. 11, n. 2, p. 173-197, 1976.

REMARQUE, Erich Maria. **Nada de novo no front**. Tradução Helen Rumjanek. Porto Alegre: L&PM, 2018. 208 p. (Coleção L&PM Clássicos Modernos). Tradução de: *Im Westen nichts Neues*.

SOBANET, Andrew. *Generation Stalin: French Writers, the Fatherland, and the Cult of Personality*. Indiana University Press, 2018.